

Venha saber

Como vivem os Espíritos

ANTONIO
FERNANDES
RODRIGUES

petit

The book cover features a dark blue background with a starry sky. A series of white, rectangular steps ascend from the bottom of the Earth towards a glowing, rectangular portal in the upper right. The Earth is shown at the bottom, with green landmasses and blue oceans. Several bright, multi-pointed stars are scattered across the sky. The publisher's logo 'petit' is located on the right side of the cover.

COMO VIVEM OS ESPÍRITOS

Copyright by (c)Petit Ediora e Distr. Ltda. 1990

Anteriormente, foram feitas três tiragens pela Editora ABC do Interior, durante os anos de 1985,1986 e 1987, totalizando 16.500 exemplares.

1a. edição: Julho/90- 2.000 exemplares 2a. reeimpessão: Junho/91 - 3.000 exemplares 3a. reeimpessão:Nov./91 - 3.000 exemplares 4a. reeimpessão: Maio/93 - 3.000 exemplares 5a. reeimpessão: Julho/94-15.000 exemplares

Capa; criação e arte final:

Flávio Machado

133.9 Rodrigues, Antonio Fernandes
R611c Como Vivem os Espíritos / Antonio
5a. reeimp. Fernandes Rodrigues. - 5a. reeimp. - São Paulo : Petit - 1994.
133p

1. Espiritismo I. Título

CDU: 133.9

I S B N - 85-7253-002-9

Direitos autorais reservados, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização por escrito da Editora. Ao reproduzir este ou qualquer livro pelo sistema de fotocopiadora ou outro meio, você estará tirando algo que prejudicará tanto a editora quanto à você mesmo. Existem outras alternativas, caso você não tenha possibilidades de adquirir a obra. Procure se informar.

Impresso no Brasil/Presita en Brazilo

COMO VIVEM OS ESPÍRITOS

Antonio F. Rodrigues



PETIT EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.

R. 21 de Abril, 1446- Belém - Fone:(011 >292-4616

Cep.: 03047-000 - São Paulo - SP

Correspondência para:

Caixa Postal 67545 - Ag. Almeida lima

Cep.: 031 02-970 - São Paulo - SP

Endereço do autor:
Antonio F.Rodrigues
Rua Perucaba, 55 - Tatuapé
03409 - São Paulo - SP

ÍNDICE GERAL

PREFÁCIO	
O UNIVERSO (Celso Martins)	
EXISTEM ESPÍRITOS?	
O ESPÍRITO E SEUS CORPOS	
PERISPÍRITO	
PRINCÍPIO VITAL	
O CORPO FÍSICO-.....	
PERISPÍRITO, ESPELHO DA ALMA	
PARA ONDE IREMOS?	
A VIDA DEPOIS DA VIDA	
A VIDA FUTURA	
A VIDA ESPIRITUAL	
CORPO MENTAL E SONO	
A HIERARQUIA ENTRE OS ESPÍRITOS	
A INFÂNCIA NO PLANO ESPIRITUAL.....	
ESPÍRITOS BRINCALHÕES	
MENTORES ESPIRITUAIS.....	
ESPÍRITOS PUROS	
NOSSA SEMELHANÇA COM DEUS	
IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS.....	
SEXO, AMOR E CASAMENTO NA VIDA ESPIRITUAL . .	
COMO SE TRAJAM OS ESPÍRITOS	
AS ATIVIDADES DOS ESPÍRITOS	
O MATRIMÔNIO ENTRE OS ESPÍRITOS	
COMO SE PROCESSA A REENCARNAÇÃO	
RELACIONAMENTO: ENCARNADOS/ DEENCARNADOS	
FRONTEIRAS DOS PLANOS ESPIRITUAIS	
AS MARAVILHAS DOS PLANOS ESPIRITUAIS.....	
LUZ ESPIRITUAL	
REGIÕES ABISMAIS.....	
O INFERNO	
CIDADE SOMBRIA	

FOGO PURIFICADOR	
TRIBUNAIS ESPIRITUAIS.....	
JUSTIÇA DIVINA	
OS SELVAGENS NA VIDA ESPIRITUAL	
NOSSA CONVIVÊNCIA COM OS ESPÍRITOS	
POSTOS DE SOCORRO NAS TREVAS	
ESPÍRITOS BELIGERANTES	
SEMELHANÇAS ENTRE ESTA E A VIDA ESPIRITUAL.	
UNIVERSIDADES ESPIRITUAIS.....	
OS ESPÍRITOS E AS ARTES.....	
RENDAS E PROPRIEDADES NA VIDA ESPIRITUAL ..	
OS ANIMAIS NA ERRATICIDADE.....	
ESFERAS ESPIRITUAIS	
PEQUENO VOCABULÁRIO DE TERMOS USADOS NO ESPIRITISMO	

O UNIVERSO (ensaio de Celso Martins)

Fazendo o Censo Escolar (em 1970) na cidade fluminense de Nova Iguaçu, a minha única irmã conheceu um senhor que possuía 40 (isto mesmo, quarenta) filhos! Viúvo, casou-se pela segunda vez e assim, juntando os filhos do primeiro casamento com os do segundo, conseguiu o referido cidadão trazer para a sociedade uma prole tão numerosa ! E o mais gratificante a seu coração de venerando patriarca era ver a casa cheia: todos os 40 filhos estavam vivos e com a netarada alegravam-lhe a alma nos dias festivos como a Noite de Natal, a passagem do Ano, dia das Mães, dia dos Pais, coisas assim do calendário humano.

Tal fato me veio à mente quando comecei a escrever esta introdução ao livro “Como Vivem os Espíritos”, a pedido do editor. À guisa de sugestão, esse amigo me sugeriu a leitura do Evangelho Segundo o Espiritismo onde aparece uma lição sobre as muitas moradas da casa do Pai.

Conheço, é claro, esta página do Evangelho. Por sinal, é um estudo científico. Há quem considere o Evangelho segundo o Espiritismo apenas um livro religioso, a tratar, à luz da 3.^a Revelação, da moral do Cristo. Todavia, a mim não me parece fácil a dissociação de um aspecto do Espiritismo dos outros mais. É-me quase impossível fazer-se tal separação. Os as-

pectos científico, filosófico e moral (ou religioso) de tal modo se interligam que não os entendo estanques. Pelo contrário, entendo o Espiritismo como uma síntese globalizante, formando um grande todo harmônico que nos infunde paz e nos fornece mais luzes para entender a Vida.

Pois bem, é neste capítulo de consulta sugerida pelo Amigo Editor que se lê a assertiva tão admirável de que é o Universo a Casa do Pai, nas palavras de Jesus. Basta consultar o texto de João, Capítulo 14 vrs. 1 a 3: “Não se turbe o vosso coração. Crede em Deus, crede também em mim. Há muitas moradas na casa de meu Pai. Se as sim não fosse, eu vo-lo teria dito; pois vou preparar-vos o lugar. E depois que eu me for, e vos aparelhar o lugar, virei outra vez e tomar-vos-ei para mim, para que lá onde estiver, estejais vós também”.

Kardec desenvolve no Capítulo III do livro citado um estudo sobre tal assunto, falando dos diferentes estados da alma na erraticidade e das diversas categorias de mundos habitados. Inclui ainda mensagens mediúnicas dadas pelo Espírito Santo Agostinho sobre os mundos superiores e inferiores, os mundos de provas e expiações, os mundos regeneradores e até mesmo acerca da progressão dos mundos.

—x—x—x—x—x—

Que panorama de indescritível beleza é este que o Espiritismo nos descerra! Acima de tudo e de todos — DEUS! O Criador de todas as coisas, o Pai de todos nós! Pai de bondade e de Justiça, de Misericórdia e de Sabedoria, Pai de Amor... E, a seu derredor, os filhos... Nada mais enternecedor, não é mesmo?

Pela Criação, segundo o Livro dos Espíritos, vamos encontrar então o elemento espiritual e o material, aquele fundamental e primitivo, preexistente e permanente; o último, secundário, acessório, mais bem percebido por nós, criaturas humanas. Mas ambos os princípios em íntimo contato, obedecendo sempre a determinadas leis morais que regem o progresso e a evolução em todos os sentidos.

O livro que você está lendo apresenta aspectos interessantes da vida espiritual, quer dizer, da vida que se abre ao Espírito depois do decesso do corpo material; depois que ele, Espírito, se desprende da indumentária orgânica e regressa à pátria de origem. Apesar de ser este o tema deste livro, darei porém em rápidas pinceladas uma idéia do que é o Universo, do ponto de vista material. Será como que um intróito ao estudo mais profundo que se segue acerca da vida além da sepultura.

—x—x—x—x—x—

Dentro do que se conhece hoje em dia, final do século XX, o Universo é formado de matéria e de energia ocupando o espaço. Ou mais precisamente, é ele constituído de astros. Alguns destes astros (e quando disse alguns, entendemos uma grandeza incomensurável de bilhões e bilhões) são dotados de luz própria, estão submetidos a elevadas temperaturas, descrevem órbitas gigantescas nas vastidões do Universo, estão situadas a bilhões de léguas de nós. São as estrelas. Vejamos algo sobre elas, as estrelas.

São as estrelas outros tantos sóis que gravitam pelo espaço. E se as vemos brilhar menos do que o nosso Sol, é porque estão a distâncias infinitamente maiores do que ele. Do Sol à Terra a distância é de uns 150 milhões de quilômetros, espaço que a sua luz percorre em 8 minutos e 20 segundos. Pois bem, depois dele, a estrela mais próxima de nós faz parte da constelação do Centauro, é a mais brilhante desta constelação e, por isso mesmo, recebe o nome de Alfa do Centauro (Alpha Centauri). A sua luz caminha para nos atingir nada menos de quatro anos apesar de ter a velocidade incrível de 300.000 quilômetros POR SEGUNDO! Pois bem, há estrelas que estão tão distantes de nós que sua luz leva mais de 200 mil anos para nos alcançar!...

O sol é uma estrela de 5.^a grandeza, quer dizer, existem estrelas que brilham muito mais intensamente! Teria ele uma

temperatura de uns 6 mil graus. Pois muito bem, as estrelas azuis de Orion teriam uma temperatura da ordem de uns 23 mil graus! Canopus é cerca de 8,5 mil vezes maior do que nosso sol! E notar que ele, o sol, é maior do que o nosso mundo cerca de 1.400.000 vezes!... Por aí o leitor calcula o tamanho de Canopus...

Outros astros não têm luz própria, são opacos, gravitam em torno de um sol. São os planetas, ao derredor dos quais gravitam por sua vez as luas ou satélites.

E que dizer dos cometas, dos asteróides, das nebulosas!. Este incontável número de astros constitui as galáxias cujo número, na opinião de astrônomos franceses, orça a mais de 400 milhões de milhões!!! . E que dizer dos recentemente descobertos “buracos negros” onde a matéria atrai para si até mesmo a luz! E que dizer das fontes de rádio pulsante conhecidas como pulsares! E que dizer dos quasares ou quase-estrelas!... E que dizer da “anti-matéria”!. E que dizer da descoberta em 1929 por Hubble, astrônomo norte-americano, da expansão do Universo!

Os gregos (nós mesmos talvez, em outras encarnações terrestres...) admitiam ser o Universo formado de esferas concêntricas, com a Terra ocupando o centro, de sorte que o limite do espaço era o da esfera cristalina na qual se encontrariam então incrustadas as estrelas. Foi a teoria do geocentris-

mo, de Ptolomeu. Com a luneta de Galileu Galilei (quase morreu queimado pela inquisição por isto) e com a teoria de Kepler e de Copérnico o limite do Universo foi dilatado: no céu foram divisadas mais estrelas. E quando o poeta Gonçalves Dias, lá em Portugal, doente, saudosos do Brasil, cantava a Canção do Exílio, dizendo que o nosso céu tem mais estrelas, estava o poeta dizendo uma verdade astronômica — quem mora no hemisfério sul (quase todo o Brasil) vê nos céus a olho nu umas 6 mil estrelas, número um pouco maior do que as 5 mil que são observadas pelos habitantes do hemisfério setentrional! Mas com Kepler, com Galileu e com Copérnico, firmou-se a teoria do heliocentrismo, o sol no centro do sistema planetário de que fazemos parte.

Com instrumental cada vez mais aprimorado, mais aperfeiçoado, hoje se sabe que estão os quasares ou seja, as galáxias em formação, a uma distância de uns 8 bilhões de anos-luz da Terra; ou, noutras palavras, sua luz leva uns 8 bilhões de anos para chegar até, nós. E diga-se de passagem que a idade da Terra é de uns 4 a 5 bilhões de anos! . . . Um último dado, para não amofinar o leitor com tantos números astronômicos — na Via Láctea (que não é senão uma das menores galáxias do Universo) vamos encontrar uns 100 bilhões de sóis, quer dizer, umas 100 bilhões de estrelas, estudadas pelos astrofísicos, pelos astroquímicos, inclusive usan-

do dados da Rádio-Astronomia e da Exobiologia.

E tudo isto Kardec já anunciava na Codificação, lá em Paris, na segunda metade do século passado. Basta lermos O Evangelho segundo o Espiritismo e o livro A Gênese, no que foi secundado brilhantemente pelo astrônomo Camille Flammarion!

Diante deste espetáculo admirável, impossível pensar que a vida se restrinja apenas ao cenário do mundo em que vivemos. Sem dúvida, a vida orgânica à face da Terra é algo extremamente luxuriante, é de uma riqueza de variedades admirável. Senão, atentemos para o elevado número de micróbios (bactérias, protozoários, mixomicetos, fungos, vírus, larvas, ovos...) que pululam numa simples gota d'água, quer do mar, quer dos rios e lagos. Consideremos a beleza da fauna marítima com seus corais, com seus peixes, seus crustáceos, seus equinodermas, etc., etc., etc. . . Olhemos a fartura da vida vegetal nas florestas, nos prados, nas campinas, nas estepes, onde encontramos as feras bravias, os insetos de cores variadas, as aves canoras, os répteis venenosos. . . O mundo, pelo que estamos vendo, é uma eloqüente prova da evolução anímica desenvolvendo formas biológicas cada vez mais avançadas, mais aperfeiçoadas, mais bem dotadas para servir paulatinamente de morada ao Espírito, em sua marcha evolutiva no Infinito do Amor de Deus! Mas, há outras formas de vi-

da no Universo.

Encerro então este ensaio com a exortação admirável de Léon Denis no seu livro O Problema do Ser, do Destino e da Dor, uma edição da FEB:

“A morte é uma simples mudança de estado, a destruição de uma forma frágil que já não proporciona à vida as condições necessárias ao seu funcionamento e à sua evolução. Para além da campa, abre-se uma nova fase de existência. O Espírito, debaixo da sua forma fluídica, imponderável, prepara-se para novas reencarnações; acha no seu estado mental os frutos da existência que findou..

“Por toda a parte se encontra a vida. A Natureza inteira mostra-nos, no seu maravilhoso panorama, a renovação perpétua de todas as coisas. Em parte alguma há a morte como, em geral, é considerada entre nós, em parte alguma há o aniquilamento; nenhum ente pode perecer no seu princípio de vida, na sua unidade consciente. O Universo transborda da vida física e psíquica. Por toda a parte o imenso formigar de seres, a elaboração de almas que, quando escapam às demoradas e obscuras preparações da matéria, é para prosseguirem, nas etapas da luz, a sua ascensão magnífica.

"A vida do homem é como o sol das regiões polares durante o estio. Desce devagar, baixa, vai enfraquecendo, parece desaparecer um instante por baixo do horizonte. É o fim, na

aparência; mas, logo depois, torna a elevar-se, para novamente descrever a sua órbita imensa no céu.

“(. . .) Não peçais às pedras do sepulcro o segredo da vida. Os ossos e as cinzas que lá jazem nada são, ficai sabendo. As almas que os animaram deixaram esses lugares, revivem em formas mais sutis, mais apuradas. Do seio do invisível, onde lhes chegam as vossas orações e as comovem, elas vos seguem com a vista, vos respondem e vos sorriem.”

Pois bem, leitor amigo, este livro nos mostrará então como é a vida neste Grande Além para o qual também nós, queiramos ou não, caminhamos.

Meus votos de boa leitura e melhor proveito espiritual.

EXISTEM ESPIRITOS?

Todos nós temos um desejo incontido de fazer com que os outros admitam os nossos pontos de vista, que aceitem os nossos princípios religiosos ou filosóficos. Assim é que os Espíritas procuram levar aos outros a convicção da existência dos Espíritos.

Kardec nos fala que, somente devemos nos abalar tanto, quando o nosso interlocutor admitir a existência de Deus e da alma, bem como a sua sobrevivência. Aceita esta primícia, temos condições de prosseguir na abordagem do

tema em questão, ou seja, existência do Espírito.

O Espírito nada mais é do que a alma após o seu desvencilhamento dos liames que a prendiam ao corpo carnal. Esse despreendimento se dá com o enfraquecimento do princípio vital, que é o responsável pelo agregamento do Perispírito ao Corpo. O princípio vital (fluido animalizado) retorna à sua fonte, o fluido cósmico, quando da morte física. Aceita a existência do Espírito, que nada mais é do que a sobrevivência da alma, automaticamente temos que concordar que ele esteja na erraticidade (designação do espaço sem fronteiras, que é o infinito sideral). Entretanto, devemos lembrar que, a possibilidade de locomoção do Espírito nesse espaço é relativa às suas condições evolutivas. Assim sendo, é natural que os Espíritos inferiores estejam limitados a uma área que poderíamos denominar de atmosfera terrestre. Estando eles nas circunvizinhanças de nosso planeta, e grande percentagem junto a nós, fluindo e sendo influenciados, nada impede que eles possam acentuar essa influência, até ao ponto de serem perceptíveis àqueles que lhes proporcionam essas possibilidades, os quais são denominados “médiuns”, pelas suas condições sensitivas.

Este contacto com a população espiritual é bem maior do que imaginamos, conforme nos ensina Kardec, ao ponto de agirmos freqüentemente como intérpretes, mais ou menos,

segundo a passividade e a sintonia estabelecida.

Uma das rejeições apresentadas pelos que não concordam com esta tese é a de que, sendo o Espírito imaterial, não poderia atuar no material. Mas devemos lembrar que o Espírito está revestido de um corpo fluídico, que é material, que contacta com o corpo fluídico do homem encarnado, o qual ainda, possui o corpo vital (corpo fluídico mais denso do que o perispírito], e é graças a esses intermediários que se dá a comunicação. Isto é admissível, tendo em vista que a telepatia é também uma comunicação entre pessoas (espíritos encarnados), mesmo que estejam bem afastadas uma da outra. E a Telepatia é aceita pela ciência, inclusive pela materialista (parapsicólogos russos entre outros). O prof. Joseph Banks Rhine, da Duke University, Estados Unidos, chegou à conclusão de que a mente não é física, mas age por via-extrafísica, sobre o mundo material. Devemos lembrar ainda, que o vapor e a eletricidade são fluídicos, no entanto são potentes meios de atuar sobre a matéria. “A luz imponderável não exerce ação química sobre a matéria ponderável? — O Livro dos Médiuns — cap. I”

Os preconceitos estão caindo e as mentes estão se arejando, e hoje, felizmente, as afirmações espíritas estão sendo levadas a sério, graças à evolução intelectual e queda das barreiras representadas pelo orgulho e fanatismo. “Se o

Espiritismo tivesse aparecido antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto vem antes do tempo. A Gênese, pág. 17”.

Outra grande colaboração dada para que os incrédulos aceitassem a verdade da sobrevivência da alma e da sua comunicabilidade com os encarnados, é a dos abnegados médiuns que se prestaram a todo tipo de experiências. Entre tantos outros, mencionemos: Daniel Dunglas Home, Eusapia Paladino, Elisabeth d'Espérance, Florence Cook, Kathleem Goligher e Leonora Piper. Esta última, por exemplo, conservou até o desencarne, uma pequena cicatriz no pulso, resultado de uma incisão durante as pesquisas, a recordar quanto eram exigentes os pesquisadores da Society for Psychical Research. No campo dos efeitos intelectuais, podemos citar Afidrew Jackson Davis, G. Vale Owen, Zilda Gama, Yvonne Pereira, Divaldo Pereira Franco e Francisco Cândido Xavier, todos com inúmeros livros psicografados, nos mais variados tipos de conhecimentos. Assim como os médiuns curadores, que tantos benefícios prestaram a humanidade, minimizando os seus sofrimentos, sejam eles de ordem material ou espiritual.

A Bíblia e todos os livros-base de doutrinas religiosas, são repositórios de relatos do intercâmbio entre os Espíritos e os homens. Os grandes profetas e líderes religiosos são os personagens que marcaram as páginas da história, pelas suas

demonstrações fenomênicas, acordando-nos do sono milenar, para as realidades espirituais, contribuindo destarte para o progresso da civilização.

O ESPÍRITO E SEUS CORPOS

O homem, ser vivente, é composto de :

- 1- Espírito.
- 2- Perispírito.
- 3- Princípio Vital.
- 4- Corpo.

ESPÍRITO

ESPÍRITO é o princípio inteligente do Universo. (1).

O Espírito não tem forma, mas podemos representá-lo como "...chama, clarão ou centelha etérea" (2) e foi criado simples e ignorante (3).

O Espírito aparece quando "...o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito" (4) "Haveria assim filiação espiritual do animal para o homem, como há filiação corporal" (5).

André Luiz e Emmanuel em muitas ocasiões têm apoiado

este entendimento. Vejamos algumas citações de suas obras:

“Reconhecemos, por exemplo, que o homem comum já atravessou desde milênios, a estação evolutiva em que se demora o irracional e, em várias ocasiões, revela comportamento de nível inferior ao dele.” (6).

“A ignorância, por ora, não lhes confere a glória da responsabilidade. Em desenvolvimento de tendências dignas, candidatam-se à humanidade que conhecemos na Crosta. Situam-se entre o raciocínio fragmentário do macacóide e a idéia simples do homem primitivo na floresta.” (7).

“Procedemos do elemento primitivo, comum, de que todos provimos em laboriosa marcha no decurso dos milênios, desde o seio tépido do oceano, quando as formações protoplásmicas nos lastrearam as manifestações primeiras.” (8).

“Assim como o aperfeiçoado veículo do homem nasceu das formas primárias da Natureza, o corpo espiritual foi iniciado também nos princípios rudimentares da inteligência.” (9).

“Dos nossos antepassados invertebrados e vertebrados caminhamos nos milênios, de reencarnação em reencarnação, adquirindo inteligência, por intermédio da experimentação incessante, mas não é somente a razão o fruto de nosso aprendizado, no decurso dos séculos, mas também o discernimento ou luz espiritual, com que pouco a pouco aperfeiçoamos a mente.” (10).

“Não há favoritismo no Templo Universal do Eterno, e todas as forças da Criação aperfeiçoam-se no Infinito. A crisálida de consciência, que reside no cristal a rolar na corrente do rio, aí se acha em processo liberatório; as árvores que por vezes se aprumam centenas de anos, a suportar os golpes do Inverno e acalentadas pelas carícias da Primavera, estão conquistando a memória; a fêmea do tigre, lambendo os filhinhos, recém-natos, aprende rudimentos do amor; o símio, guinchando, organiza a faculdade da palavra.” (11).

Retrocedendo ao Princípio inteligente, encontramos a explicação de sua origem, quando o autor da resposta 606 (O Livro dos Espíritos) diz, que o princípio inteligente é tirado do elemento inteligente universal.

Se formos analisando profundamente a obra kardequiana, bem como as de André Luiz, concluímos que a origem do homem remonta aos reinos inferiores, conforme vemos na pergunta 540 (O Livro dos Espíritos): “É assim que tudo serve, tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou peio átomo.” E na citação de André Luiz: “O Espírito mais sábio não se animaria a localizar, com afirmações dogmáticas, o ponto onde termina a matéria e começa o Espírito.” (12) E esta outra: “Posteriormente, o princípio espiritual que despertou do sono letárgico do mineral, descortinou os horizontes da sensibilidade vegetal, desen-

volveu o instinto animal, penetra nos domínios da mente.” Diz León Denis: “Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se possui-se e torna-se consciente.

Esta hipótese é reforçada pela pergunta 28 (O Livro dos Espíritos): “Sendo o espírito, em si mesmo, alguma coisa, não seria mais exato, e menos sujeito a confusões, designar esses dois elementos gerais pelas expressões: matéria inerte e matéria inteligente? Resposta: As palavras pouco nos importam: Cabe vos formular vossa linguagem de modo que vos possais entender.”

Ora, sendo matéria em estados diferentes, mas matéria, podemos concluir que a matéria inteligente teria sido matéria inerte. Relembremos a questão 540 (O Livro dos Espíritos). Este tema é também tratado na pergunta 82 do mesmo livro: “É certo dizer que os Espíritos são imateriais? Resposta: Como é possível definir uma coisa, quando faltam termos de comparação e com uma linguagem insuficiente? Pode um cego de nascença definir a luz? Imaterial não é bem o termo: incorpóreo seria mais exato, porque, compreendes muito bem, sendo o Espírito uma criação, deve ser alguma coisa; é matéria quintessenciada, mas sem analogia para vós e tão eterizada que vos escapa aos sentidos.”

Quanto a transição: irracional-racional, relembremos

a questão 607 já mencionada (4): “Ficou dito que a alma do homem, em sua origem, assemelha-se ao estado de infância da vida corpórea, que a sua inteligência apenas desponta, é que ela se ensaia para a vida. (ver item 190) Onde cumpre o Espírito essa primeira fase? Resposta: Numa série de existências que precedem o período que chamais de humanidade.” No livro "A Gênese", cap. XI tem 16, Kardec nos fala dos primeiros homens “como não há transições bruscas na natureza, é provável que os primeiros homens que apareceram sobre a terra pouco diferissem do macaco em sua forma exterior, e sem dúvida também quanto a sua inteligência.” Emmanuel esclarece em que plano se dá essa transição: “Mais de vinte bilhões de inteligências sub-humanas que são aproveitadas nos múltiplos serviços do progresso planetário, cercam o domicílio terrestre, demorando-se noutras faixas de evolução.” (13).

Entre os reinos vegetal-animal a ciência nos fala dos “Zoófitos ou animais-plantas, cujo nome indica que tem algo de um e do outro: é o traço de união.” (14).

O mineral (inorgânico) é simplesmente matéria.

O vegetal (orgânico) possui princípio vital.

O animal, além do princípio vital, possui também perispírito (15) e princípio inteligente.

O homem, além do princípio vital e perispírito é Espírito. Diz Kardec, que o mineral é decomposto e recomposto; o

vegetal entretanto, não pode ser recomposto, porque o princípio vital retorna à sua origem (fluido universal). Prosseguiremos nos próximos capítulos.

BIBLIOGRAFIA :

- 1 — O Livro dos Espíritos, questão 23.
- 2 — Idem, questão 88.
- 3 — Idem, questão 115.
- 4 — Idem, questão 607-a.
- 5 — A Gênese, cap. XI, item 23.
- 6 — Libertação — André Luiz — pág. 29.
- 7 — Idem — pág. 60.
- 8 — Evolução em dois mundos — André Luiz: pág. 28.
- 9 — Entre a Terra e o Céu — André Luiz — pág. 132.
- 10 — Roteiro — Emmanuel — pág. 44.
- 11 — No Mundo Maior — André Luiz — pág. 41.
- 12 — Idem, pág. 51.
- 13 — Roteiro — Emmanuel — pág. 43.
- 14 — A Gênese — Allan Kardec — Cap. X, item 23.
- 15 — Evolução Anímica — Gabriel Deliane.

PERISPÍRITO

Perispírito é o elemento de ligação entre o Espírito e a matéria, através da qual ele exerce ação sobre a matéria.

O perispírito é o envoltório fluídico do Espírito. Essa vestimenta é mais ou menos grosseira segundo o estado evolutivo do Espírito, e é formada, pelo fluido universal de cada planeta. No estado de erraticidade, esse envoltório pode se apresentar sob o aspecto que desejar, porque é manipulável pelo pensamento do Espírito. Assim é que, se evocarmos Esopo, ele se apresentará ao vidente segundo o aspecto físico pelo qual a história o registra, isto é, corcunda e feio, apesar de na realidade tratar-se de um Espírito resplandescente de luz e causar respeito e simpatia, em virtude de sua forma harmoniosa e bela. Outros exemplos encontramos no Livro dos Médiuns, mostrando nos as possibilidades que os Espíritos possuem para modificar a sua vestimenta perispiritual. Estas modificações também podem ser feitas de conformidade com o plano em que tenham que se apresentar. Assim é que para se tornarem visíveis (forma vaporosa) e palpáveis (materialização) e até na forma denominada “agêneré”, em que pode ser confundida com uma pessoa encarnada, o perispírito se adensará segundo essas necessidades.

Tais modificações se processam de acordo com os desejos do Espírito, como também ocorrem contra sua vontade. Nos casos de degenerescência (1) bem como nos casos de mutilação, por efeito de doenças ou acidentes, que se refletem no perispírito e acompanha-o quando do desencarne, seja por impossibilidade ou por ignorância, mas que pelo pensamento podem corrigir essa desarmonia em seu corpo perispiritual. Aliás, esses desequilíbrios da “forma”, nada mais são do que reflexos da mente doente, porque uma pessoa doente fisicamente, mas sã moralmente, passará para o mundo espiritual liberta de todas as imperfeições físicas. O corpo fluídico será o que o Espírito estiver vivendo mentalmente. Haraldur Nielson, em seu livro “O Espiritismo e a Igreja”, nos conta uma cena de desencarne presenciada por uma enfermeira clarividente, onde ela nos descreve a beleza perispiritual de uma senhora que fisicamente estava em lamentável situação. Era um quadro de rara beleza! O perispírito exuberante de saúde e alegria, abandonando aquele corpo enfermo e de lastimável aspecto.

Outro exemplo notável desta transformação é a que nos conta Chico Xavier, relatando a cena da visita que Jesus Gonçalves lhe fez, após um dia do seu desencarne, cumprindo uma promessa que este lhe fizera em uma de suas cartas. Jesus Gonçalves estava bastante deformado pela lepra, causadora de seu falecimento, no entanto, quando ele se apresen-

tou à vidência do Chico foi sem deformidades. Mas o notável, no caso, é que justamente nas partes onde a lepra mais o afligiu, era onde mais resplandecia o seu corpo espiritual.

O corpo perispírico varia segundo o estado evolutivo dos Espíritos, bem como do plano onde ele se encontra. Assim é que o perispírito de um selvagem é bastante pastoso, conforme nos afirma André Luiz: “O instrumento perispírico do selvagem deve ser classificado como protoforma humana, extremamente condensado pela sua integração com a matéria mais densa.” (2). Sendo o perispírito variável em sua densidade, segundo o estado evolutivo do Espírito, é que podemos compreender porque um Espírito superior pode ver o inferior e este não vê o superior. Isto é natural, já que “...o perispírito é uma condensação do fluido em torno de um foco de inteligência ou alma.” (3). O perispírito, não está, porém, preso dentro de uma caixa (corpo) como um pássaro, mas sim “...irradia-se em derredor, envolvendo-o como uma atmosfera fluídica.” (4).

R. A. Ranieri, em seu livro “Abismo”, descrevendo as zonas umbralinas mais densas, denominadas abismais, nos fala da regeneração do corpo fluídico, citando casos que levam milhares de anos para que se regenerem. Mas o retrocesso é somente da forma, já que o Espírito pode estacionar, mas nunca retroceder. Essa deformação é de lenta recuperação, o

que faz com que o Espírito tenha retardado o seu avanço evolutivo por muito tempo, devido a deficiência dos meios de atuação. É como se um músico tivesse um instrumento imperfeito para executar as suas partituras. André Luiz também se refere as formas ovóides, que poderíamos dizer como sendo seres humanos despersonalizados. Tal degenerescência é consequência não só do ódio extremo que determinadas criaturas votam aos seus inimigos, que às vezes perdura por centenas e até milhares de anos, como também pelas quedas morais e uso excessivo de tóxicos, de forma duradoura. Poderíamos classificar essa destruição física como se fosse um bombardeio mental ou químico sobre o corpo fluídico, que iria desintegrando-o paulatinamente. André Luiz em seu livro “Libertação”, também nos fala do retrocesso da forma. Citemos apenas um exemplo: "...e aquelas grandes corujas diferentes, cujos olhos brilhavam desagradavelmente nas sombras, seriam homens desencarnados sob tremendo castigo forma?" Estes casos de licantropia ainda não são tão chocantes quanto a da forma ovóide que é realmente impressionante.

Kardec no “O Livro dos Médiuns” diz que pelos passes podemos substituir uma molécula doente por uma sã, entretanto, se o beneficiado não se modificar mentalmente, ele retornará à condição doentia anterior. A lesão perispiritual se

acentuará até a deformação, caso persistam os desregramentos físicos e mentais. É como uma ferida não tratada convenientemente, que corrói o corpo físico, como nos casos de lepra.

Assim como temos os casos negativos, também temos os positivos. O equilíbrio espiritual, a higiene mental e a harmonia que impusermos em nossa vida, bem como o desejo do bem e a aquisição de conhecimentos, farão o trabalho de purificação do perispírito. Yvonne Pereira, em seu livro “Recordações da Mediunidade”, cita que uma das materializações que mais a impressionou, foi aquela em que se manifestou São Geraldo Magela, transformando a penumbra da sala, numa intensa claridade. Sua figura era deslumbrante pela paz e serenidade que transmitia. As palavras são pobres, quando se trata de descrever as belezas espirituais. São sentimentos que não se podem expressar.

Roque Jacintho, em seu livro: “Chico Xavier — 40 anos no mundo da mediunidade”, também nos descreve uma cena bastante parecida, quando nos idos de 1963/65 o Chico servia de medianeiro em sessões de materializações. Emmanuel se apresentou, iluminando o ambiente. Sua figura majestosa era radiante, mas principalmente da cabeça e do coração era mais intensa a luminosidade. Seu peito era como se fosse uma estrela cintilante.

André Luiz também nos fala dos contatos com entidades superiores que se impõem, não só pela sabedoria e amor, mas também pela apresentação sublimada.

Irmão Jacob (Frederico Figner, quando encarnado), em seu livro “Voltei” psicografado por Chico Xavier, nos fala que um de seus desejos ao encontrar-se na vida espiritual, era ver Bitencourt Sampaio. Um dia essa pretensão foi atendida: Foi realizada uma sessão que poderia nos denominar de materialização (no plano espiritual evidentemente). Cem médiuns a postos. Meditação profunda. O ambiente foi se transformando, e uma estrela foi surgindo e ao se aproximar dos médiuns, foi ganhando a forma humana e Bitencourt Sampaio se fez presente. É uma cena emocionante, indescritível.

Muitos exemplos semelhantes a estes nós encontramos nos livros, mas estes bastam para confirmar os ensinamentos espíritas, no que tange às condições variadíssimas do perispírito. Devemos acrescentar que sempre o Espírito necessita do perispírito para se identificar, já que ele, como vimos acima, não possui forma e destarte o que vemos não é o Espírito e sim o perispírito.

BIBLIOGRAFIA:

(1) — No Mundo Maior — André Luiz — pág. 92.

(2) — Entre a Terra e o Céu — André Luiz — pág. 132.

(3) — A Gênese — Allan Kardec — cap. XIV, item 7.

(4) — ídem, cap. XIV, item 18.

PRINCÍPIO VITAL

Princípio Vital é o elemento de ligação do perispírito com o corpo e que provoca a animalização deste. É também conhecido pelos nomes: corpo vital e fluido vital.

Todos os seres vivos, inclusive o vegetal, possuem o princípio vital. Este fluido elétrico animalizado é o responsável pela vida, porque sem ele a matéria não seria animada, assim como o corpo vital não existiria sem a matéria carnal, pois ambos se completam. Sem ele o perispírito não teria condições de se imantar ao corpo denso de carne. Desde o instante inicial da vida o psicossoma liga-se ao feto, molécula a molécula, por intermédio do fluido vital, pois é este o intermediário perispírito-corpo, conforme foi dito acima, tendo em vista que este fluido é mais denso que o perispírito e mais sutil do que a matéria carnal.

Esse “halo energético” se manifesta exteriorizando-se, à maneira do campo ovóide, naquilo que denominamos aura humana. Esta se apresenta cromaticamente, segundo a onda mental que emitimos. Esta “túnica eletromagnética”, que é o fluido vital, também responde pela maior ou menor vitalidade

do corpo e é transmissível na doação denominada “passe”.

Entre outras, a característica que distingue o orgânico do inorgânico é o corpo vital. No inorgânico ele não existe, por isso podemos decompor e reconstituir, o que é impossível em se tratando de corpos orgânicos. Se destruímos uma folha vegetal, não poderemos reconstituída, pois o princípio vital esvaindo-se não dará condições de recomposição dessa folha. No entanto, tanto os orgânicos como os inorgânicos, são constituídos pelos mesmos elementos materiais: oxigênio, hidrogênio, carbono e nitrogênio. Havendo uma modificação na constituição molecular do mineral, temos uma molécula orgânica.

Pela análise dos ensinamentos de Kardec, verificamos que a existência do fluido vital depende dos órgãos, se estes derem condições para existir: é a vida; se estas condições deixarem de existir: é a morte. “Porém o efeito sobre o estado molecular do corpo, causado pelo princípio vital, subsiste depois da extinção desse princípio, como a carbonização da madeira persiste depois da extinção do calor.” Esta extinção significa seu retorno à fonte de onde proveio: fluido universal.

É natural que o princípio vital não é o mesmo em todos os seres orgânicos, e sim modificado segundo as espécies. Assim como um motor, conforme a sua feitura, movimentava os diversos tipos de máquinas. “O princípio vital é a força motriz

dos corpos orgânicos.”

O fluido vital corrige as deficiências e restabelece a harmonia orgânica, mas quando as lesões são irrecuperáveis, o fluido é impotente e destarte cessa a vida. “Tem pois a vida uma maneira especial, vivente, de proceder, para manter o seu funcionamento; existe no ser organizado algo inexistente nos corpos inorgânicos, algo operante por métodos particulares, sui-generis, e que não só fabrica, como repara os órgãos. A esse algo chamamos- lhe força vital. A Evolução Anímica — Gabriel Dellane —pág. 31 .” (Força ou Princípio vital, também chamado “Alma Fisiológica”).

A quantidade de fluido vital não é a mesma em todos os seres, variando mesmo até na mesma espécie. Assim é que há indivíduos que estão saturados desse fluido, enquanto outros o possuem na quantidade suficiente. É por isso que vemos pessoas que são mais dinâmicas e que se destacam pela intensa atividade que desenvolvem; possuem uma vitalidade superabundante.

Essa duplicata radiante das criaturas é a que os modernos investigadores russos denominam de corpo bio-plástico, e que pela fotografia Kirlian comprovaram a sua existência.

Nos fenômenos mediúnicos é fator preponderante, principalmente nos efeitos físicos. É pela sua exsudação, naquilo que denominamos ectoplasmia, que temos as materializações

das entidades espirituais, bem como nos fenômenos de levitação, escrita direta, etc.

O corpo vital é a base do cordão fluídico (que é uma extensão perispiritual), que se apresenta quando do desprendimento do Espírito durante o sono ou nos chamados fenômenos de desdobramento. Aliás, esse cordão radiante é que distingue o encarnado do desencarnado. André Luiz nos fala do assombro que lhe causou a visão de homens singrando o espaço, mas deixando atrás de si extenso cordão fosforescente.

Por mais distante que o Espírito esteja, se o corpo sofrer qualquer agressão, instantaneamente retornará ao corpo. (1). Assim é que ninguém desencarna quando seu Espírito estiver ausente do corpo, mesmo porque “...é necessário que ele se retorne à unidade psicossomática para que se processe o fenômeno biológico da morte.” (2).

No fenômeno do desencarne, tão bem relatado por André Luiz, bem como por Haraldur Nielson, vemos o desligamento plexo a plexo, finalizando pelo coronário. Quando este rompe-se, o perispírito se projeta no espaço (logo acima do corpo), numa duplicata fiel, que ganhará, no entanto, modificações para melhor ou para pior, segundo o seu estado evolutivo. No entanto, não é o perispírito que abandona o corpo e sim o fluido vital que afrouxa os liames e liberta o perispírito. Esta libertação não é brusca e sim molécula a molécula, a exemplo do

que aconteceu quando do reencarne. Em libertando-se, o fluido vital acompanhará o corpo carnal por algum tempo e, poderá ser vampirizado por entidades inferiores, se não houver alguém que impeça os assaltantes de praticarem essa ação. São cenas indescritíveis narradas por André Luiz, e que nos mostram as baixezas que existem tanto neste como no outro mundo, já que a mudança de plano não modifica as pessoas, mas sim quando estas se propõem a se transformar, cansadas de trilhar o caminho dos vícios físicos e mentais.

1— O Livro dos Médiuns — Allan Kardec — questão 284, itens 43/5.

2—Comentário de J. Herculano Pires (rodapé) aos itens mencionados.

O CORPO FÍSICO

O corpo humano, essa máquina divina, é o executor da vontade do Espírito. Por intermédio desse instrumento maravilhoso é que o Espírito tem possibilidade de progredir mais rapidamente. Mas o que é essa máquina, senão a última etapa no aperfeiçoamento dos corpos, desde o zoófito? Um futuro interminável o aguarda na série de transformações e aperfeiçoamento.

O homem é um ser inacabado e muitas possibilidades ainda possui que não foram exploradas, mormente no campo

do complexo cerebral. No entanto, somos idênticos aos outros animais, no que tange aos elementos de que são formados: oxigênio, hidrogênio, carbono e nitrogênio; sem falar que tem as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução; nasce, vive, morre nas mesmas condições. “Embora isto fira seu orgulho, o homem deve se resignar a ver em seu corpo material o último elo da animalidade sobre a terra.” A Gênese, cap. X, item 29.

Nem sempre avaliamos a gama imensa de possibilidades que ele oferece, sem falarmos nas condições incalculáveis de adaptação que possui. Referimo-nos aos erros que ainda cometemos no capítulo da alimentação e de todos os excessos perniciosos que ainda não conseguimos eliminar, em virtude das nossas viciações.

Somente pelos ensinamentos dos livros especializados sobre o corpo humano, podemos avaliar a grandeza dessa máquina extraordinária. A faculdade de assimilação, regeneração, substituição e tantas atividades que desenvolve, nos oferece um quadro impressionante de suas aptidões, demonstrando a grandiosidade do seu Criador. O coração bombeando o sangue; os pulmões absorvendo o oxigênio e expelindo o carbono; o fígado, qual prodigioso laboratório, produzindo substâncias, bem como regulando as reações metabólicas; os rins, o baço, as glândulas genitais, tireoide, paratireóides,

timo, pâncreas, supra-renais, sem falar nas prodigiosas epífise e hipófise. Os aparelhos: visual, auditivo, gustativo e olfativo. Os vasos linfáticos, quais tubulações dos mais diversos diâmetros, a levarem o sangue a todas as zonas do território humano.

Falar sobre todos os órgãos e suas possibilidades seria impossível, mesmo que reproduzíssemos uma biblioteca inteira. O nosso intuito é apenas lembrar dos inúmeros benefícios que nos prestam e que nem sempre pelas nossas atitudes o reconhecemos.

Dizem que na formação do feto, a sua progressão é uma recapitulação das formas primárias da vida animal. Mas assim como a bolota se transforma num imponente carvalho, também o feto desacreditado pela sua aparência, vai ganhando a harmonia e a beleza dos contornos e se apresenta na admirável criatura que denominamos “homem” .

De tudo que a natureza nos tem ofertado, sem dúvida que o ser humano é a criatura mais perfeita, por ser esta a última que surgiu na face da Terra. "...segundo passo a passo a série de seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior. A Gênese, cap. X, item 28".

E mesmo o homem atual é um modelo melhorado daquele que existiu alguns milênios atrás, assim como

sabemos que essa melhoria está em curso para espécies mais perfeitas, tanto na beleza, como nas aptidões. Para isso, como co-criador com Deus, o homem à medida que vai evoluindo, espiritualmente, vai modelando a sua forma carnal, imprimindo-lhe faculdades novas. O alimento, os hábitos e a atuação mental, vão dando-lhe outras dimensões, somente percebidas pelos que se dedicam ao estudo da evolução das espécies. Mas como tudo marcha sem cessar, basta olharmos para trás, para percebermos a melhoria atual e assim termos a certeza de um futuro mais glorioso para a vestimenta do Espírito, no que concerne as suas atividades neste mundo terráqueo.

Não muito distante ficou o homem da caverna e a eternidade nos acena com as possibilidades inimagináveis da perfeição; até lá vamos procurar compreender o papel importantíssimo que o corpo nos oferece no campo da evolução, tendo em vista que nos permite maiores possibilidades de reparação pelo esquecimento do passado, não só no que se refere àqueles com quem temos reajustes, mas também porque reiniciando trajetória em corpo novo, torna-se mais fácil a eliminação dos vícios, como também é uma trégua para aqueles que se encontram combalidos na luta pelo aperfeiçoamento.

PERISPÍRITO, ESPELHO DA ALMA

Muitos pensam que as doenças e os problemas de ordem material ficam com o corpo, e o Espírito se liberta não só dos sofrimentos como também de tudo que é de ordem física, no momento do desencarne. Alguns chegam mesmo a acreditar que ao chegar ao mundo espiritual, as pessoas se modificam radicalmente, tornando-se anjos, isto é, sábios e bons, o que é um absurdo, pois, ninguém melhora “milagrosamente”, pela simples mudança de plano, ao desencarnar. As pessoas que vão para as esferas sublimadas, já são conhecidas na Terra como Espíritos superiores, seja pela capacidade ou pela missão que desempenharam. São os que se destacaram em prol do bem da humanidade. Citemos alguns exemplos: Jesus de Nazaré, Krishna, Buda, Zoroastro, Gandhi, Francisco de Assis, etc. Quanto a nós, pobres Espíritos ignorantes e endividados que ainda somos, que nada fizemos para os nossos semelhantes e nem mesmo para nós no campo do saber e do amor, o que poderemos esperar ao regressar ao mundo espiritual se não o mesmo ambiente que construímos aqui na Terra? É óbvio que um selvagem não possa morar num palácio e sim numa tapera, entre os que lhe são iguais, pois, do contrário ele não se sentiria bem, porque não se adaptaria a um meio que lhe é totalmente estranho.

Assim sendo, quando chegarmos ao mundo espiritual, levaremos conosco os vícios, as fraquezas, os cacoetes, os defeitos físicos e todo elenco de hábitos e costumes que possuíamos quando encarnados. E só depois que eliminarmos essas deficiências e vícios, seguindo a orientação de nossos mestres, é que poderemos nos tornar cada vez mais próximos do ideal de perfeição que almejamos. Aliás, este trabalho de aperfeiçoamento poderá ser iniciado aqui mesmo na Terra, desde que renunciemos aos prazeres materiais e nos dediquemos com mais empenho às conquistas das virtudes e do conhecimento, indispensáveis para que galguemos mais um degrau da escada evolutiva.

Devemos lembrar que o nosso corpo não é responsável pelos desacertos de nossas atitudes aqui na Terra, porquanto ele não passa de uma vestimenta do Espírito, que é o responsável por todos os nossos desatinos. Assim sendo, mesmo que mudemos de roupa, não mudamos de personalidade, continuamos sendo a mesma pessoa, física e psiquicamente. Se formos magro e alto ou baixo e gordo, feio ou bonito, perfeito ou defeituoso, desta ou daquela raça, é desta forma que nos identificaremos no mundo espiritual. Como todas essas características são criações do próprio Espírito, somente ele mesmo pode modificá-las, desde que possua poder mental para tanto e obtenha permissão superior

para esse fim.

É por isso que no mundo espiritual encontramos a mesma população que conhecíamos aqui na Terra, com os mesmos desejos e os mesmos problemas, com as mesmas deficiências e as mesmas anomalias, porque ainda não conseguiram livrar-se dessas imperfeições, embora tivessem deixado a vestimenta carnal na sepultura.

Como o corpo perispiritual, nada mais é do que o molde do corpo carnal, é natural que ele se apresente com as mesmas características do corpo que ele moldara! Estamos nos referindo aos Espíritos em expiações, porquanto os mais elevados, ao desencarnarem, apresentam se-ão perispiritualmente, belos e perfeitos, sem os danos que a velhice e as doenças impuseram ao corpo, porque seu perispírito reflete a superioridade do Espírito, que é o Ser inteligente que comanda o corpo.

PARA ONDE IREMOS ?

Todos os seres vivos possuem o instinto de conservação, mormente o ser humano. A este, porém, foi-lhe acrescentada a inteligência, por conquista própria, que lhe dá condições para discernir e escolher o que for mais lógico. Assim é que, graças aos conhecimentos espirituais, sabemos preservar a vida

porque, caso contrário, responderemos pelo suicídio que praticarmos. Entretanto, não tememos a morte, pois ela não representa o fim, mas, simplesmente, o término de uma existência carnal e reingresso no plano espiritual, que é a verdadeira vida, porque esta nos liberta dos impedimentos impostos pelas necessidades físicas.

Tanto a morte como o nascimento devem ser encarados da mesma maneira, ou seja, apenas como mudança de plano. Ora, se assim é, devemos enfrentá-la tranqüilamente, como se fôssemos transferidos de uma cidade para outra, onde entrarmos em contato com novos amigos e novos panoramas. Aliás, é mais difícil enfrentarmos um renascimento do que um desencarne, porque enquanto este é conclusão de uma tarefa, aquele é a incógnita do reinício de outra experiência que não sabemos como será.

Somente temem a morte aqueles que não levaram uma vida segundo os preceitos cristãos, porque trazem na consciência a culpa dos seus desregramentos e transgressões das leis; daí, instintivamente enfrentarem tal acontecimento com medo daquilo que lhes aguarda no além-túmulo. O que não acontece com os que souberam pautar a sua vida pelos ensinamentos do Cristo. Estes enfrentam a aduana da morte tranquilos e felizes, porque estão em paz consigo mesmos, em virtude do reto viver.

O temor da morte é também produto de nossa ignorância e de costumes alimentados por religiões que se preocupam mais com as questões terrenas do que com os problemas espirituais; daí, a falsa visão do que realmente é a vida após a morte. Se soubessem que lá é uma continuação desta vida, com pequenas alterações de ordem física, porque os corpos são fluídicos, não estranhariam a nova atividade, porque cada um fará aquilo que souber, segundo as necessidades do plano em que atuará e de acordo com as possibilidades conquistadas. Tudo é uma questão de boa vontade e de adaptação. Na vida tudo está em constante atividade, e quem não for ativo marginalizar-se-á e, conseqüentemente, sofrerá as conseqüências de tal procedimento.

Quando compreendermos tais questões, tudo tornar-se-á tão simples e natural, que não mais haverá ansiedades e dúvidas pelo que nos acontecerá na outra dimensão da vida, porque tudo será de conformidade com aquilo que fizemos na trajetória terrena. Cada qual irá para o plano que conquistou pelos seus esforços ou descerá (vibratoriamente) para as zonas umbralinas, a fim de expurgar as suas criações mentais deletérias, que o imantam às regiões inferiores.

Quando André Luiz, por intermédio da psicografia de Chico Xavier, falou-nos das cidades espirituais, descrevendo as intensas atividades nelas desenvolvidas, com seus hospitais,

escolas, campos, jardins, rios e tudo o mais que aqui na Terra há, inclusive a vida social, muitos espíritas taxaram tais notícias de inverossímeis, pondo-as de “quarentena”, apesar de que tais descrições já haviam sido feitas também por outros escritores da vida espiritual, notadamente as mensagens recebidas pelo Rev. G. Vale Owen, com o título de “A Vida Além do Véu”.

Com o passar do tempo, graças à persistência em nos serem trazidos livros de tal gênero e por serem ansiosamente aguardados por muitas pessoas, foi se modificando a opinião a respeito da famosa série “Luizina” e, hoje, são consideradas como obras respeitáveis e dignas dos maiores encômios, não só pela beleza e primor das descrições da Vida espiritual, mas também pelos ensinamentos doutrinários que encerram.

Recentemente, mais uma prova de veracidade de tais novidades acabamos de ter, com alguns livros escritos por pesquisadores americanos, relatando-nos experiências de pessoas que foram consideradas clinicamente mortas e que retornaram à vida e descreveram o que viram e ouviram na vida maior, confirmando os depoimentos, não só de André Luiz, como também de outros Espíritos que nos falaram de tal vida.

O livro “Life after Life”, do Dr. Raymond A. Moody (pesquisador não espírita), “bestseller” nos EUA, é um desses livros que nos fala dessas experiências inusitadas, agora com-

plementado com o novo livro “Reflections on Life After Life”, que nos traz o resultado de novas entrevistas com os que permaneceram alguns instantes na outra dimensão da vida, mas retornaram por não ter ainda chegado a sua hora de regresso à pátria espiritual. Transformados com essa experiência, emocionados nos relatam o encontro com seres luminosos, quais anjos de bondade e compreensão, que aconselham e consolam, orientam e encorajam. Descrevem cidades com edifícios resplandescentes, assim como nascentes de águas cristalinas, além de música celestial que deliciosamente havia no ar, transmitindo paz infinita, com uma sensação presente de amor. E não se trata de algumas testemunhas, mas sim de centenas de casos quase coincidentes, variando apenas nos pormenores.

Os Espíritos nesta antevéspera de grandes transformações, estão lançando mão de mais um meio para convencer a humanidade voltada para o materialismo, que outra vida existe além da morte física e que a conquista dos bens terrenos, de forma desesperadora, assim como essa ânsia de viver os prazeres carnais, nada representam diante das venturas da verdadeira vida. Esclarecem-nos, ainda: que lá seremos recepcionados segundo a nossa condição moral; que os valores que aqui representavam, no tocante à posição social, financeira, política ou intelectual, nada significam se

não tivermos o coração voltado para o ideal de servir; que o amor é a chave da verdadeira felicidade; que o espantinho da morte não tem sentido, já que ela é a liberação de certos impedimentos que o corpo carnal nos impõe; que a morte é maravilhosa e que o difícil é lutar para viver, como encarnado.

Além desses livros que nos falam da vida espiritual, outra “coqueluche” do momento nos EUA é a moda de se hipnotizar pessoas fazendo-as retroceder no tempo, a fim de que falem de suas existências anteriores, comprovando assim a reencarnação.

Vemos que os Espíritos procuram acordar-nos para outras perspectivas da vida, para que possamos evitar o desregramento moral desta civilização em decadência, lançando mão de todos os recursos possíveis, para nos livrar de imprevisíveis conseqüências.

Insignificante é a percentagem dos que não crêem na vida além da morte. Se assim não fosse, não haveria sentido para que as pessoas permanecessem neste vale de lágrimas, onde a felicidade não existe nem entre os mais bem aquinhoados financeiramente. E se aqui ficam, confirmam essa crença, pois sabem que ninguém pode ferir a Lei sem que sofra as conseqüências de tal atitude. Não é porque Deus seja vingativo, mas porque o mecanismo dessa Lei funciona automaticamente, para corrigir a quebra da harmonia, quando violada.

Instintivamente, todos sentem uma espécie de temor em atravessar as portas deste plano físico. O nada na realidade amedronta, o que significa que as pessoas percebem, pelo bom-senso, que além da sepultura outra vida deve existir, seja porque já ouviu falar dela, ou porque a morte o assusta. Seja este ou aquele o motivo de sua apreensão, a verdade é que as pessoas lutam desesperadamente para aqui permanecer, a fim de evitar as duras realidades quando enfrentarem a aduana da morte. Isto confirma a crença na vida futura, já que, se assim não fosse, a deserção desta vida seria a melhor opção: por que estudar, trabalhar e atritar na luta do ganha pão, se o nada fosse a eliminação de todos os sofrimentos e desilusões? Ora, se a dúvida persiste, mais para crer do que para não crer, então é porque de fato, concluem que há uma outra vida a nos conclamar para essa realidade; realidade essa, que em todos os tempos, foi objeto de culto e de preocupação de todos os povos.

A vida futura já foi provada e é objeto de aceitação por parte de todas as religiões dignas desse nome. O culto aos mortos, as orações para aqueles que partiram, são demonstrações reais de que não acreditam num final de existência e sim numa mudança de plano. Mesmo os pagãos admitiam a existência do Olimpo e do Tártaro, para onde iam após a morte, segundo o proceder das pessoas. E a crença nos deuses e

semi-deuses, nos demônios, e outras entidades não encarnadas, não são outras tantas demonstrações de que em todos os tempos, esse problema era objeto de muito interesse?

Muitos vivem e falam de forma contrária a esses princípios religiosos, de crença na vida extra carnal, mas na hora do desespero, evocam as entidades espirituais, isto é, aqueles que aqui viveram, como tábua de salvação. Ora, se eles (os santos) não continuassem vivos do lado de lá, porque então apelar por socorro a esses guardiões espirituais ?

Muitas são as estorieta desses que alardeiam o seu ateísmo e a negação da sobrevivência da alma; no entanto, acabam convencendo-se, pela evidência dos fatos, seja por perturbações de obsessores em si mesmo, ou em membros de sua família. Quando isso não acontece, pode ser na condição de algum drama pungente, que não encontrando solução pelos métodos materiais, valem-se do intercâmbio com as entidades espirituais, não importando qual seja a religião que lhe sirva para esse fim.

Os negadores da vida espiritual, assim se dizem, exteriormente, apenas para se auto-afirmarem perante os amigos de aventuras, mas não terão coragem de evocar um Espírito altas horas da noite, estando sozinhos em lugar ermo, ou então visitarem a Necrópole no período noturno. Luzes, vultos e sombras adquirem formas fantasmagóricas e não há ninguém

que não tenha arrepios e não se erice. O vento balançando uma folha de vegetal ou levando uma folha de papel, amedronta e nos causa sensações arrepiantes. Um animal que se apresente abruptamente, nos acelera o coração e nos transmite um frio glacial. São os mistérios da noite e seus impactos psicológicos.

Conta-se que certo homem incrédulo, dado a valentão, fez uma aposta com um seu amigo para provar que não acreditava em Espíritos; iria ao cemitério, à noite, e fincaria um prego no portão do mesmo, como prova de que ali estivera. Como estivesse garoando, ele se muniu de uma capa e para lá se dirigiu. Entretanto, porque ele estivesse percebendo que estava afrontando os denominados mortos, ficou tão amedrontado que ao bater o prego no portão, não se apercebeu que havia pregado a capa e ao sair, rapidamente, daquele local, viu-se preso, o que lhe causou uma crise de funestas conseqüências. Ganhou a aposta, mas quase morreu de medo.

É claro que esse medo é produto de nossa ignorância, porque os Espíritos não fazem mal a ninguém, desde que não lhes ofereçamos condições fluídicas, pela nossa posição mental. Se não houver afinidade, não haverá interferência.

Kardec nos fala de uma senhora espírita, que estando só, certa noite viu uma pessoa dentro de sua casa. o que a

alarmou, mas acalmou-se e foi dormir tranqüilamente, quando constatou que se tratava de um Espírito. Ela era vidente.

Ninguém na realidade, pode conceber a idéia de um fim de existência, porque a vida espiritual é intuitiva, está no íntimo de todos nós, porque na realidade já passamos por essas experiências muitas vezes, e portanto, se fixaram em nós, fazendo parte inalienável de nosso patrimônio espiritual.

A questão da vida espiritual, embora seja admitida por muitas religiões, é encarada pela maioria das pessoas como se ela não existisse; como se tudo acabasse com a morte; porque do contrário, os homens seriam mais dedicados às questões espirituais; mais devotados aos estudos; mais despreendidos dos bens terrenos. Entretanto, não devemos abandonar o trabalho que nos garante a subsistência, e o progresso que nos proporciona conforto e bem estar, sem descurar do prioritário, que é a conquista dos bens espirituais.

Mas como provar que a vida espiritual é uma realidade? Prova-se pela própria afirmação dos que estão nessa dimensão da vida, não só pela comunicação psicofônica, como também pela materialização dos Espíritos.

E os Espíritos nos falam desses planos maravilhosos, quando de ordem elevada e horríveis quando inferiores, acrescentando que nós iremos para o plano que construirmos pela nossa própria conduta terrena.

André Luiz, por intermédio de Chico Xavier, fala-nos de Nosso Lar, descrevendo-a, não só quanto à cidade em si, mas também quanto às atividades que seus habitantes desenvolvem. É uma vida ativa, de trabalho e também de lazer, mas sem as preocupações da vida material, tais como: roubos, crimes, doenças, inflação etc. Para quem ama o trabalho e o estudo, é o céu; para quem é indolente e escravo dos vícios, um lugar indesejável, porque não pode alimentar as suas paixões.

Cada plano é uma escalada evolutiva, cada um irá para aquele que lhe é próprio.

Tal é a importância destes ensinamentos, que Kardec colocou-os nos primeiros capítulos do Evangelho Segundo o Espiritismo, porquanto todos os ensinamentos de Jesus giram em torno da realidade da vida espiritual. Foi por isso que os cristãos enfrentavam as feras dos circos romanos cantando, porque estavam certos que encontrariam na outra vida os apóstolos do Cristo.

Os Judeus tinham idéias imprecisas a respeito da vida futura, acreditavam nos anjos, mas como uma criação privilegiada. Moisés não poderia ensinar claramente sobre a vida futura a um povo de pastores, mesmo porque naquela época ainda a humanidade vivia na infância da civilização.

Jesus, 1.300 anos após o nascimento de Moisés, também não pôde adiantar muita coisa sobre essa vida, por isso ape-

nas apresentava essa vida futura como um princípio, sem falar claramente a respeito do mesmo. Tal incumbência coube ao Espiritismo, não só falando da mesma, como provando-a, pois os Espíritos diziam dessa vida por intermédio dos médiuns.

Hoje há diversos livros de autores desencarnados, que falam abundantemente do plano espiritual, seja das esferas inferiores ou superiores, principalmente os livros psicografados por F. C. Xavier, Yvonne A. Pereira, Divaldo P. Franco, sem contar os estrangeiros, como G. Vale Owen, Anthony Borgia, entre outros. Ernesto Bozza no, em seu livro “A Crise da Morte”, também comenta diversas mensagens de Espíritos que descrevem o plano em que vivem.

Os relatos dos Espíritos são para nos alertar a respeito das alegrias ou tristezas que tiveram, segundo o seu proceder na Terra.

Diante desta realidade da vida futura, aceita por todos nós, os espíritas, não podemos alegar ignorância dos ensinamentos de Jesus, procurando aproveitar melhor o tempo que ainda nos resta da presente encarnação, a fim de que não venhamos a chorar lágrimas de sangue, se deixarmos de pôr em prática tudo aquilo que já aprendemos.

Assim sendo, é necessário eliminarmos os vícios que ainda alimentamos, sejam eles físicos ou mentais; dedicarmos-nos mais às tarefas que nos competem na seara espírita, procu-

rando servir mais e pedir menos. Mas, principalmente, corrigir os nossos defeitos substituindo-os pelas virtudes que nos conduzirão aos planos felizes da espiritualidade maior.

CORPO MENTAL E SONO

“— Será sono? - perguntou Hilário, mais novo que eu na vida do além.

— Sim - confirmou o instrutor, benevolente -, na fase em que se encontra, Leonardo subordina-se a todos os fenômenos da existência vulgar. Não prescinde, assim, do repouso para refazer-se.”

“Entre a Terra e o Céu” - cap. 12 - André Luiz - Ed. FEB.

Conforme nos ensina o Espiritismo, o Espírito necessita do corpo perispiritual para agir no mundo espiritual, e da vestimenta carnal para atuar no mundo material. Mas para unir esses dois corpos (perispiritual e carnal), é necessário o princípio vital, o elo que imanta um corpo ao outro, o mais sutil ao mais denso. Quando o corpo carnal não oferece mais condições, seja devido às doenças ou à velhice, o fluido vital esvai-se, libertando o Espírito da prisão carnal. O perispírito, entretanto, continua como envoltório do Espírito, identificando-o com as características da vestimenta carnal que ficou na sepultura.

Estas informações são elementares mas o que alguns

ainda não sabem é que além desses corpos, existe também o corpo mental, conforme nos afirmam André Luiz e algumas filosofias esoteristas.

Para comprovar essa assertiva, André Luiz nos diz (“Nosso Lar”, cap. 36, Edição FEB), que logo após ter iniciado as suas atividades assistenciais num dos hospitais dessa cidade, sentiu-se cansado, porque trabalhara além do horário normal, sendo aconselhado a dormir, para refazer as energias dispendidas no prolongado horário de serviço. Ao deitar-se, sentiu-se como se fosse conduzido por um barco, tendo ao leme uma pessoa que se mantinha silenciosa. Ao ancorar o barco em maravilhoso porto, ali se encontrava a sua mãe, aguardando-o, carinhosamente.

Ele percebeu que tinha deixado o seu corpo perispiritual no apartamento daquele nosocômio e que se dirigira para regiões desconhecidas, mas muito belas e acolhedoras. Compreendia, também, que seu barco fizera uma viagem célere é em ascensão.

Para confirmar essa revelação, encontramos no referido livro, mesmo capítulo, a seguinte afirmativa: “..., acompanhei-o em espírito, durante a noite,...” Estas palavras foram ditas por Laura a André Luiz, pela alegria que este lhe proporcionara por ter iniciado as atividades nos serviços hospitalares. Como o trabalho de André Luiz se estendera até a madrugada, Laura

estava dormindo em sua casa e em desdobramento, pelo sono, visitou o seu pupilo nas dependências do hospital em que ele se encontrava trabalhando

A mãe de André Luiz também visitara-o, em seu posto de trabalho, sem que este percebesse a sua presença, pois encontrava-se em corpo imperceptível ao seu filho, devido às condições inferiores deste. Isto vem comprovar a existência de outros corpos, embora também exista a possibilidade do Espírito alterar a densidade do corpo perispiritual, como também nos ensina o mesmo autor (Libertação, edição FEB). Isto, porém, não significa que o Espírito seja um núcleo envolto por corpos, um justapondo-se a outro, e sim, que os mais sutis infiltram-se nos mais grosseiros, para que o Espírito possa utilizar-se desses intermediários para atuar nos mundos em que esteja vivendo.

A projeção do corpo mental também pode ser feita pelos encarnados, conforme nos ensina Waldo Vieira, em seu livro Projeções da Consciência, edição Lake. E essa projeção pode ser seguida da exteriorização do perispírito, ou seja, projeta-se o corpo mental e em seguida o perispírito se une ao mesmo.

Para se provar a veracidade dessa projeção, o ser projetado constata que não está ligado ao corpo carnal pelo cordão fluídico, que identifica os encarnados dos desencarnados.

O cordão fluídico, também conhecido como cordão umbilical e cordão de prata, é o que liga o corpo perispiritual ao corpo carnal, não importando a distância que aquele se afaste deste, nos desdobramentos conscientes ou inconscientes.

A projeção mental também é utilizada pelos Espíritos mais elevados, que se encontram encarnados em mundos inferiores, para visitarem os planos de sua origem, deixando os corpos grosseiros (carnal e perispiritual) que não têm acesso ao plano em questão.

O sono nos mundos espirituais menos elevados, é uma forma de descansar o corpo perispiritual, assim como fazemos aqui na crosta com o corpo carnal. O Espírito não cansa, porque não é material, mas o perispírito que é material, embora fluídico, necessita de refazimento, de conformidade com a sua densidade. E enquanto o perispírito grosseiro descansa, refazendo-se, o Espírito liberto, percorre outras regiões e outros mundos, segundo as suas possibilidades evolutivas, em seu corpo mental.

A HIERARQUIA ENTRE OS ESPÍRITOS

Entre os povos primitivos, como entre os animais, a chefia é conquistada pela força. Quem for mais forte, fisicamente, assumirá a liderança de um grupo ou de uma tribo. À medida que o homem vai evoluindo, vai se impondo pela astúcia, pela esperteza. Este é ainda o meio pelo qual uma pessoa conquista a direção de uma agremiação, de uma coletividade, de uma nação...

Ser astuto, nem sempre significa ser mais inteligente ou mais indicado para dirigir o destino de qualquer associação ou país. Atualmente o dinheiro está intimamente ligado ao poder e quando surge a moeda pesa nas decisões para a escolha de quem vai presidir uma sociedade, seja ela qual for.

Quais são os predicados exigidos de um Espírito para assumir a direção de uma instituição no plano espiritual?

Nas zonas umbralinas mas inferiores, a direção é conquistada por aquele que consegue dominar a plebe, através da força mental. Nas regiões menos densas, a habilidade e a inteligência são os requisitos que prevalecem para a indicação dos cargos de chefia. Nos planos mais elevados, entretanto, a presidência recai sobre aquele que possui amor e sabedoria.

Como o saber não tem limites, porque absoluto só o de Deus, é óbvio que à medida que iremos galgando os degraus

da escada evolutiva, vamos assumindo mais elevados encargos de direção, até alcançarmos a de prepostos de Deus, ou seja, Ministros do Criador.

André Luiz (1) ficou pasmado, quando lhe disseram que o Espírito de elevada hierarquia, que se materializara no templo que visitara em “Nosso Lar”, cidade espiritual em que André Luiz desenvolve o seu trabalho e aprendizado, não tinha ainda alcançado a perfeição absoluta e sim apenas a categoria de mentor da humanidade terrestre. O dirigente dos trabalhos, pacientemente, explicou que o visitante ainda aspirava alcançar um dia a função de representante da Terra junto às gloriosas comunidades que habitam, por exemplo, Júpiter e Saturno. Acrescentou, que posteriormente esperam fazer parte das assembléias, que regem o nosso sistema solar e sucessivamente colaborar com os que dirigem a constelação de Hércules, nossa galáxia e grupos de galáxias etc.

Em se tratando do planeta Terra, que é um dos mais inferiores, ainda não podemos compreender as funções elevadíssimas dos Espíritos puros, na direção dos destinos das nações e do próprio planeta. Mas sabemos que eles estão no leme deste barco que singra o imenso oceano do infinito. Mesmo nos momentos cruciais, como o que estamos passando, não devemos nos perturbar em virtude do aparente caos em que estamos mergulhados. Confiemos em nossos

protetores, porque depois desta noite trevosa, brilhará a aurora de paz e progresso espiritual. Persistamos no bem e aguardemos, pacientemente, e com resignação, pois também somos responsáveis por este estado de coisas.

Em “Nosso Lar”, existem um governador e diversos ministros. Cada ministério conta com inúmeros trabalhadores, desde os ministros, em número de 12, até o mais humilde servidor. Vemos, portanto, que no plano espiritual, cada criatura será guindada ao cargo que suas aptidões lhe derem condições. Nesses planos não existem apadrinhamentos ou quaisquer facilidades, porque seja de família influente. Somente a capacidade e a moral é que prevalecem para que a pessoa assuma a chefia de qualquer departamento ou cargo de maior responsabilidade.

No plano espiritual os títulos nobiliárquicos, comendas etc., nada significam. O que é da Terra, fica na Terra. Ao desencarnarmos nos despimos das coisas materiais e levamos apenas as espirituais, sejam boas ou más. Aqui é o laboratório das experiências; lá é a revelação dos resultados dessas experiências.

É natural que as conquistas intelectuais não se conseguem numa ou várias existências, mas sim em dezenas ou centenas de romagens terrenas ou em outros mundos, galgando os degraus do conhecimento, mais ou menos rápido,

segundo aquilo que fizemos do tempo. E os cargos de direção nas esferas espirituais, com exceção das umbralinas mais densas, são atribuídos aos mais sábios e bons, por conquista natural.

Como seria bom se se adotasse o mesmo procedimento no mundo dos encarnados! Todavia, devemos compreender que estamos num purgatório, em que o homem é educado pelo próprio homem, conforme determinam as leis divinas.

BIBLIOGRAFIA :

1-“Obreiros da Vida Eterna” - André Luiz - edição FEB;
Médium Francisco Cândido Xavier.A INFÂNCIA NO PLANO ESPIRITUAL

A INFANCIA NO PLANO ESPIRITUAL

“— Para os homens da Terra, propriamente considerados, este plano é quase infernal! Se a compaixão humana separa as crianças dos criminosos definidos, que dizer? do carinho com que a compaixão celestial veia pelos infantes?”

André Luiz - Libertação, pág 61/2, edição FEB.

Como vimos pelo texto acima, nas regiões umbralinas

mais densas, não existem crianças, porque não seria admissível que as mesmas, não estando ainda desenvolvidas física e psiquicamente, fossem conviver com essa turba de desalmados e desprovidos de moralidade, não tendo condições de se defenderem desse meio agressivo, onde impera a lei do mais forte e não da justiça. Se aqui na Terra as crianças são protegidas por leis especiais, porque Deus não iria protegê-las nos planos espirituais, alojando-as em ambientes adequados? Devemos nos lembrar que o desencarne não modifica as pessoas, elas continuarão sendo as mesmas, inclusive no que se refere ao desenvolvimento do corpo físico, embora exista a natural evolução, mas paulatina.

No plano espiritual, portanto, as crianças são internadas em educandários, após passarem pelas enfermarias para a necessária recuperação dos traumas causados pelo desencarne.

No livro “A Vida Além do Véu”, pág. 66, de G. Vale Owen, edição FEB, o autor espiritual afirma que as pessoas, ao desencarnarem, sofrem um processo de desenvolvimento físico, quando jovens, e de rejuvenescimento, quando idosos. Esta afirmação é confirmada por André Luiz (E a Vida continua). Há, todavia, pessoas que preferem continuar como velhos, mas sem as deficiências que a velhice impõe aos encarnados.

André Luiz nos ensina (Entre a Terra e o Céu, pág. 181, edição FEB), que o crescimento mental das crianças desencarnadas é mais ou menos longo, como aqui na Terra. Há crianças, todavia, que demonstram uma vivacidade invulgar. São as exceções na regra.

Como dissemos atrás, as crianças são encaminhadas aos educandários, onde não só se desenvolvem intelectualmente, como também fisicamente, porque o processo de crescimento, em todos os planos, se dá da mesma maneira, com pequenas variações .

No livro “Voltei”, pág. 84, edição FEB, o Irmão Jacob descreve uma cena de grande beleza, quando uma linda criança recepciona, em nome das demais companheiras, uma professora recém desencarnada. Essa criança comunica-lhe que outra escola, muito mais linda, a esperava num parque celestial. Quando a pessoa desempenha amorosamente a sua profissão, continuará a exercê-la no plano espiritual, como vimos neste exemplo.

Quem cuida de crianças, entretanto, recebe em dobro as horas trabalhadas, conforme nos ensina André Luiz.

E não é somente em educandários que as crianças permanecem, mas também nas residências de parentes ou amigos. Os casos de internamentos são para aquelas, como aqui na Terra, que não possuem familiares em condições de as re-

ceberem, seja porque estejam em planos inadequados às crianças, seja porque não disponham de condições morais para esse fim. No plano espiritual não impera, como aqui, a idéia de posse. Meu filho! Minha esposa! São exclamações que não se justificam, porque na realidade somos todos irmãos, filhos do Criador de todas as coisas. Assim sendo, as crianças ficarão nos educandários ou residências que ofereçam melhores condições de desenvolvimento, segundo as peculiaridades de cada criança.

Toda a proteção que se dá às crianças, no entanto, não as exime de responder pelos crimes que tenham praticado em vidas anteriores, quando atingirem as condições físicas e psíquicas para esse fim, seja no plano espiritual ou quando reencarnarem. Ninguém burla a Lei: o que se planta se colhe, mais cedo ou mais tarde, mas sempre no tempo certo. É o que nos ensina a Doutrina Espírita.

Nota da Editora: Sobre este assunto, ver também o livro “MENSAGEM DE ESPERANÇA”, capítulo 13. (As crianças no plano espiritual) de autoria do Celso Martins - edição da Gráfica e Editora do Lar/ABC do Interior.

ESPÍRITOS BRINCALHÕES

“Nós influenciemos e somos influenciados muito mais do que imaginamos.” Allan Kardec.

Quem já não viu, ou pelo menos, não ouviu falar de pessoas que se divertem à custa de intrigas, lançando pessoas contra pessoas ou criando situações lamentáveis? Tais criadores de encrencas tanto podem ser encarnados como desencarnados, destacando-se os Espíritos que agem nas casas onde os cônjuges não se entendem ou não procuram ser educados. E há legiões de infelizes entre nós, dedicando-se a esse triste mister de criar embaraços e insuflar o ódio e a calúnia, para que haja atritos ou separações de casais. E os zombeteiros contam as suas façanhas, procurando sobressair-se dos demais, relatando as suas proezas. E nas suas andanças de lar em lar ou nos ajuntamentos de pessoas, dedicam-se com afincamento na condenável faina de disseminar a cizânia e a chacota.

Quando vemos irmãos em conflito, casais que não se entendem ou amigos que se atritam por questões, é sinal de que uma chusma de brincalhões está em ação, por culpa também da invigilância humana.

Não é de se estranhar que isso aconteça, pois estamos

num planeta em que predomina o mal e são poucos os que se dedicam ao bem e ao trabalho, procurando através do estudo e da prática da caridade, alcançar a perfeição. Todavia, a maioria das pessoas procura se divertir, esquecendo que a Terra não é um local de constante lazer, e sim uma escola que exige muita aplicação, para que não passemos pelo vexame da reprovação.

É necessário esclarecer que a atuação dos zombeteiros restringe-se às pessoas que não procuram manter uma mente sadia, maneira segura de nos imunizar contra o veneno da discórdia e da perfídia. Se fôssemos videntes, poderíamos ver a chegada desses galhofeiros coincidir com as desavenças das pessoas que se afinam com esses infelizes. Nós, os espíritos, que já conhecemos as artimanhas dos trevosos, devemos procurar nos momentos de crise, o antídoto contra esse mal, rogando aos nossos mentores que nos preservem das influências perniciosas dos inimigos da luz, embora saibamos que a melhor fórmula de nos livrar das hordas do mal é estarmos a serviço do bem, porque as insinuações dos malfeitores somente penetram numa cabeça vazia.

É muito sugestivo o caso da vida de Buda que fala sobre o episódio em que ele meditava sob a fronde de uma grande árvore e não percebeu o assédio dos bandoleiros do além, que investiam sobre ele. Mas não conseguiam atingi-lo, pois a

sua mente estava voltada para o objetivo de encontrar uma solução para os sofrimentos humanos. Aliás, São Francisco de Assis resumiu muito bem esta mensagem, quando disse: “É dando que recebemos.”

MENTORES ESPIRITUAIS

“Os Espíritos protetores das massas são de uma natureza mais elevada que a dos que se ligam aos indivíduos?

—Tudo é relativo ao grau de adiantamento, das massas como dos indivíduos . ”

(O Livro dos Espíritos, item 520).

Muitos pensam que seu anjo da guarda ou Espírito protetor, seja um ser elevadíssimo, um Espírito Superior. Que presunção! Seria o mesmo que pretendermos que o Ministro da Justiça viesse resolver a nossa questiúncula com nosso vizinho. Para isso existe uma autoridade específica.

Que temos diversos Espíritos que se interessam pela nossa proteção e desenvolvimento, não resta dúvida, mas que os mesmos sejam de ordem superior é pura vaidade de nossa parte; embora sejam melhores do que nós, pois não se justificaria que um inferior protegesse um superior. Assim

sendo, todos nós temos os nossos guardiães, segundo as nossas condições evolutivas. Entretanto, é necessário lembrarmos que há uma hierarquia em todos os planos, tendo em vista que quando o problema escapa à competência do mentor, ele solicita do seu superior a necessária intervenção.

Outro aspecto a ser considerado é o da efetiva e ininterrupta assistência do guardião ao seu pupilo, como se fosse um escravo a nosso serviço. Quando os Espíritos disseram que o anjo guardião se liga ao seu protegido, não significa uma constante assistência, mas sim um compromisso para com aquela criatura, ajudando-a sempre que necessário, seja pela evocação feita pelo tutelado ou pelos vigilantes deste, que são os Espíritos familiares ou afins. Caso contrário o protetor não disporia de tempo para os estudos (o Espírito evolui eternamente) ou para outras tarefas, bem como para o lazer.

Lembre-mo-nos também, que temos a companhia que estivermos invocando pelas nossas condições mentais, as quais variam segundo as nossas atitudes. Se estivermos voltados para os anseios carnais ou violentos, não poderemos ser ajudados pelos nossos benfeitores, porque ao afinar com as entidades inferiores, automaticamente estaremos repelindo, sintonicamente, aqueles que nos querem ajudar.

Coletivamente falando, também existem mentores. O

Brasil, por exemplo, está sob o amparo do anjo Ismael. Há, portanto, individual e coletivamente, proteção espiritual. E acima de todos, para o nosso planeta, o amparo de Jesus, o Cristo, que vela amorosamente por todos nós. Obviamente, o mesmo ocorre com os outros planetas, sóis, galáxias etc. Tudo se encadeia, até alcançar hierarquicamente o Criador. Por conseguinte, o problema dos anjos guardiães é mais complexo do que possamos imaginar, tendo em vista as diferentes atribuições e posições evolutivas de cada tarefeiro.

Outra questão a focalizar é a das evocações aos nossos guias protetores, porquanto nem sempre a entidade lembrada em nossas rogativas, é aquela que irá nos atender, porque nem sempre ela se encontra em condições de nos socorrer, seja por estar ausente (outras tarefas) ou por estar acima de suas possibilidades. Neste caso entrará em ação outro benfeitor, substituindo o evocado. Nos meios espíritas, por exemplo, ocorre com freqüência evocações ao magnânimo Bezerra de Menezes, e que são atendidas por outros seareiros em nome do evocado, porque para esses abnegados missionários do bem, o que importa é ajudar, sem cogitar de agradecimentos. André Luiz nos fala da prece reflectiva, isto é, que é dirigida a um Espírito e atendida por outro. No caso dos devotos de algum santo da Igreja Católica, às vezes a quem é dirigida a rogativa, talvez nem exista. Léon

Denis nos fala a respeito no livro “Joana D’Arc, médium”.

Kardec ensina (O Livro dos Médiuns) que o médium que mercantiliza a sua faculdade, deixa de contar com a proteção de seu mentor espiritual, até que ele (o médium) se arrependa e volte a trilhar o caminho do bem. Na ausência do mentor, o médium passa a ser envolvido por Espíritos brincalhões e obsessores, pois nas milenares exis tências, sempre existem alguns inimigos que ainda não lhe perdoaram e estão à espreita de uma oportunidade para vingar-se. E a desforra ocorre quando o médium descamba para o mal.

ESPÍRITOS PUROS

Um dos princípios fundamentais do Espiritismo é a evolução constante de todas as criaturas do Universo, desde as mais primárias até o homem. Entretanto, nem tudo podemos compreender, quando se trata daquilo que está além de nosso estado intelectual, embora os Espíritos queiram nos ensinar, mas sem resultados positivos, devido a nossa ignorância. Alguns insistem e conseguem nos transmitir algumas informações ainda não reveladas. É o que deduzimos dajeitura de uma das mensagens do livro “A Crise da Morte”,

de Ernesto Bozzano, edição FEB, quando uma elevada entidade espiritual, tenta nos falar dos Espíritos puros, que já se libertaram da forma, emancipando-se da matéria, do espaço e do tempo, tornando-se um centro de irradiação, que está presente em todo o cosmo, abrangendo o passado e o futuro.

Tais espíritos já alcançaram a perfeição e portanto não mais necessitam reencarnar. Destarte deixam de ser “Espíritos da erraticidade”, como são conhecidos os reencarnantes, pois não mais se apresentam aos videntes sob a identidade desta ou daquela personalidade da História. Como puros Espíritos, são apenas uma centelha de luz a irradiar, mas com uma identidade para aqueles que se encontram na mesma faixa evolutiva. Não obstante tal condição, caso queiram, poderão reencarnar como missionários de significativas atribuições de ordem planetária, como tantos que já passaram pela Terra.

Para que alcancemos a perfeição, é evidente que além do saber e do amor, teremos que nos tornar isentos de todas as paixões e ambições materiais, e para isso teremos que começar a mais difícil de todas as lutas, que é a de expungir as nossas inclinações rasteiras. Isto representa uma série de renúncias, sacrifícios e abstenções, que ainda nos aprisionam a este vale de lágrimas. Na realidade, ainda a nossa maior pre-

ocupação é alimentar o nosso “ego”, que fala muito alto, exigindo satisfações perfeitamente dispensáveis, caso fôssemos perfeitos, e que são: gula, lazer e sexo, para citar apenas algumas. Tais exigências ainda nos escravizam, tomando-nos grande parcela de nosso tempo. Este aprimoramento moral deve ser acompanhado da elevação intelectual, porque ninguém alça vôo para os planos superiores, sem as duas asas: do amor e do saber.

Quanto à questão da centelha de luz, ou foco irradiante, temos um exemplo no livro “Voltei”, do Irmão Jacob, edição FEB, ao descrever a presença do iluminado Espírito que em sua última reencarnação foi conhecido com o nome de Bitencourt Sampaio. Ele se aproxima do local em que é evocado (no plano espiritual), na forma de cintilante estrela, que se materializa graças ao concurso de cem médiuns que ali se encontram para esse fim.

A descrição como estrela é a que mais se aproxima de um foco radiante, daí a comparação.

Bezerra de Menezes é outro Espírito que já poderia estar nessa faixa evolutiva, mas renunciou a esse plano de luz, porque preferiu ficar mais diretamente em contato com os milhões de sofredores que a ele recorrem. Daí manter-se com o corpo perispiritual ainda denso, a fim de estar junto aos que imploram a sua presença nos momentos de angústia e desespero,

o que ainda perdurará por algum tempo, enquanto a Terra for planeta de provas e expiações.

Segundo Yvonne A. Pereira, dos Espíritos que se comunicam com os encarnados deste orbe, Bezerra de Menezes e Emmanuel são os mais evoluídos.

Que nós possamos abreviar a nossa estada nesta escola primária que é a Terra, ingressando nos cursos superiores da espiritualidade, onde poderemos aproveitar o tempo mais amplamente, são os nossos desejos; e isso conseguiremos se formos autênticos discípulos de Jesus.

NOSSA SEMELHANÇA COM DEUS

“...que em nós traduzem a personalidade divina com que o Criador Supremo nos dotou, ao nos criar à sua gloriosa imagem e semelhança...”

Yvonne A. Pereira — "Devassando o Invisível", pág. 197, Ed. FEB.

O homem foi criado por Deus à sua imagem e semelhança, conforme a afirmação evangélica, constantemente citada; daí muitos retratarem Deus como sendo um velhinho de longas barbas brancas, assentado num trono faustoso, com a-

quela postura majestosa, a legislar sobre todo o Universo. Tal imagem antropomórfica reduziria a grandeza do Criador às condições humanas, o que é inconcebível. Essa circunstância lhe tiraria um dos seus atributos, o de ser ONIPRESENTE. E Ele é onipresente porque “a natureza inteira está mergulhada no fluido divino”. (1). E como “Estamos nEle, como Ele está em nós, segundo as palavras do Cristo” (2), Deus através desse fluido inteligente (3), como nos assevera Kardec, toma conhecimento de tudo que ocorre no Cosmo Infinito. É por isso que se diz que não é necessário orar em voz alta, para melhor sermos ouvidos pelo Criador, pois Ele está conosco, tomando conhecimento de tudo que nos acontece e fazemos; basta, portanto, pedirmos mentalmente para sermos atendidos, se tivermos méritos.

A semelhança é de ordem espiritual, porque “Deus é Espírito” (4) e sendo o Espírito, luz, segundo a definição da obra básica do Espiritismo, questão 88, é nessa particularidade que somos semelhantes a Deus: Somos luz. E sendo o Espírito um Ser inteligente, é neste aspecto que também nos assemelhamos com Deus. Semelhantes e não iguais, porque Deus é imutável, enquanto que nós somos evolutivos.

Com respeito ao fluido divino que tudo envolve e interpenetra, André Luiz afirma que “tudo está mergulhado na substância viva da Mente de Deus” (5), que é uma nova

conceituação, mas que na essência vem confirmar o que foi acima mencionado, como também encontramos tal entendimento no livro de Ernesto Bozzano (6), que analisa as mensagens dos Espíritos: imperator e Stafford, tendo como médiuns: Stainton Moses e Elisabeth d'Espérance, respectivamente. Há, portanto, outros autores que confirmam que Deus através do fluido tudo vê, tudo sabe e em tudo participa. O próprio Jesus afirmou que não cai uma folha de uma árvore sem que Deus não saiba.

Kardec, no livro “A Gênese”, cap. II, item 25, esclarece que sua dissertação “não passa de uma comparação, própria, porém, a dar uma idéia mais exata de Deus do que as estampas que o representam com figura humana. Tem por objeto fazer compreender a possibilidade que pertence a Deus de ser onipresente e de tudo se ocupar. Não se trata, portanto, de materializar Deus e sim dar uma imagem mais sensata de Deus. Aliás, essa tese é baseada numa mensagem do Espírito Quinemant, dada na Sociedade Espírita de Paris, da qual Kardec era Presidente, em 1867.

Temos aí alguns esclarecimentos, não só de Kardec como de outros autores, a respeito da nossa semelhança com Deus, nosso verdadeiro Pai, porque somos Sua criação (o espírito é criado por Deus), enquanto que o nosso corpo carnal é gerado por nossos pais consangüíneos (7), como

fizeram tantos outros, em nossa milenar trajetória por este e outros mundos, sem contar nossa passagem por outros corpos inferiores ao de aspecto humano.

Bibliografia:

- (1) A Gênese, cap. II, item 24.
- (2) Idem.
- (3) A Gênese, cap. II, item 22.
- (4) Evangelista João, 4.24.
- (5) Nos Domínios da Mediunidade, pág. 15.
- (6) Enigmas da Psicometria, págs. 109/110.
- (7) O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XIV, item 8.

IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

Conforme consta no Livro dos Médiuns, cap. XXIV, a questão da identidade dos Espíritos que se comunicam nas denominadas sessões práticas de Espiritismo, é uma das mais difíceis de provar, porque não podemos exigir a Cédula de Identidade dos mesmos. Nem mesmo um vidente pode ter a certeza de que o Espírito que está se comunicando seja aquele que se apresenta com os caracteres fisionômicos conhecidos pelo vidente, pois o Espírito manipulando os fluidos perispiríticos, pode modificá-lo de conformidade com os

seus desejos, embora tais condições sejam transitórias. Assim sendo, o que interessa para o dirigente dos trabalhos é o conteúdo da mensagem transmitida, seja por via psicofônica ou psicográfica.

Mas, será que mesmo nas mensagens há uma garantia de não sermos enganados, pois os Espíritos podem usar de um linguajar de fundo moral, falando em Deus, caridade e em tudo que não contrarie os princípios cristãos e no entanto tratar-se de um fascinador que esteja nos preparando uma cilada? Kardec nos ensina que um Espírito inferior, embora seja instruído, nunca poderá nos enganar todo tempo, porquanto mais cedo ou mais tarde ele se denunciará, caindo em alguma falha. Porque a encenação nunca é a realidade e portanto não poderá ser interpretada todo tempo sem nenhum erro, por pequeno que seja. O importante é que o dirigente analise as mensagens com todo rigor e toda vez que houver qualquer dúvida, questione o comunicante. Se for um mistificador ele não suportará a argüição e se denunciará, irritando-se.

Quais são as características de uma mensagem proveniente de Espírito Superior? Em tese são as seguintes: Não profetizar acontecimentos com data determinada; não dizer futilidades; ser sucinto e objetivo; tratar principal mente de assuntos instrutivos; não se apresentar com nomes

bizarros; jamais utilizar vocabulário agressivo ou obsceno.

Um Espírito Superior, ao invés de ficar contrariado, incentiva os dirigentes a que façam perguntas e exponham as suas dúvidas a respeito do que está sendo tratado.

Eis aí algumas das observações relacionadas por Kardec nas dezenove páginas do capítulo mencionado e que nos dão uma orientação segura, para não sermos enganados pelos mistificadores. Principalmente aquela que devemos estar sempre alertas e analisar com rigor todas as comunicações, mesmo que sejam dos guias protetores. Os nomes veneráveis que possam usar, também são motivos para ficarmos atentos, para não cairmos nas possíveis armadilhas, pois os Espíritos Superiores não se preocupam com os nomes que tiveram na Terra e quase sempre preferem conservar-se anônimos, utilizando pseudônimos, tais como: Um Espírito amigo, um protetor, etc.

Vemos por essas orientações das obras básicas, que o importante são os ensinamentos transmitidos e não o nome do autor.

Vejamos ainda outro assunto correlato... É sobre a idade física dos desencarnados.

Uma das questões não muito comentadas nos meios espíritas é a da idade dos Espíritos, quanto ao que eles

representam fisicamente. O que acontece com uma criança ao desencarnar? Será que ela permanecerá sempre como criança, fisicamente, ou envelhecerá como acontece com os encarnados? Tais dúvidas pairam igualmente quanto à velhice. Será que um velho ficará sempre como ancião ou remoçará, para ter uma melhor apresentação física?

A literatura espírita nos fala a respeito, dizendo-nos que o corpo perispiritual modificar-se-á segundo a vontade do Espírito, pois trata-se de um corpo fluídico, portanto passível de modificações. Mas tais alterações dependem das condições evolutivas do Espírito, pois uma pessoa ignorante e sem orientação de seus superiores, por falta de méritos, desconhecerá a possibilidade de se libertar das aparências físicas desagradáveis que ainda possui.

Geralmente a meia idade é a mais procurada, embora existam Espíritos elevados que preferam apresentarem-se como velhos; mas anciões vigorosos, lúcidos, imponentes, que impressionam pela aparência patriarcal. Outros preferem fixar-se na aparência física que possuíam na reencarnação que mais alegria tiveram. Entretanto nada é fixo nesse campo, pois o Espírito poderá apresentar-se em outras ocasiões com fisionomia diferente. Emmanuel identifica-se mais comumente, como Públio Lântulus, mas também mostra-se como Padre Manoel da Nóbrega ou Padre Damiano, ou ainda como Nestó-

rio. É possível que ele tenha outro aspecto fisionômico no plano espiritual, muito mais formoso, pois o Espírito quanto mais evolui, mais belo será, em virtude da própria condição que atingiu. André Luiz fala-nos de uma senhora que ao tornar-se visível a um obsessor, este ajoelha-se perante a mesma, julgando-se estar na presença da mãe de Jesus, tal a beleza angelical que sua fisionomia denotava. O mesmo André Luiz nos fala também em seu livro “E a Vida Continua”, que um senhor se tornou mais jovem, enquanto que sua companheira envelheceu, a fim de tornarem-se de mesma idade física, evitando assim a desigualdade indesejável no caso de Espíritos afins, que desejam viver em comum.

Temos no livro “A Nova Revelação”, de Conan Doyle, a informação de que a maioria dos Espíritos procura exhibir-se com uma aparência de idade mediana, desde que possuam tais possibilidades, porquanto essa idade não é tão jovem que represente imaturidade, nem tão velha que signifique senilidade. É a idade do equilíbrio e da responsabilidade .

Quanto às crianças, elas vão amadurecendo normalmente, com exceção dos Espíritos mais evoluídos que podem alterar a sua condição física no momento que quiserem, porquanto se emancipam rapidamente de todos os problemas materiais, embora estes casos sejam raros, porque um Espírito elevado não reencarna para ficar poucos anos na carne.

Em síntese, portanto, os corpos perispirituais são modificáveis ao bel-prazer dos Espíritos, desde que eles possuam essas condições. Caso contrário, apresentar-se-ão como eram na última encarnação, com as suas idades e suas deficiências físicas, até que possam libertar-se de tais problemas e exhibir-se na idade ideal, adquirindo cada vez mais, aquelas condições deslumbrantes que caracterizam os Espíritos Superiores, quanto à beleza e respeitabilidade, impossível de descrever. O vocabulário das criaturas encarnadas é pobre para falar das coisas dos planos superiores.

SEXO, AMOR E CASAMENTO NA VIDA ESPIRITUAL

“Lascínia e eu fundaremos aqui, dentro em breve, nossa casinha de felicidade, crendo que voltaremos à Terra precisamente daqui a uns trinta anos.”

André Luiz — Nosso Lar — edição FEB.

O desencarne não altera o nosso modo de proceder; continuaremos ainda presos aos nossos costumes e necessidades, sejam elas de ordem física ou mental. Assim sendo, prosseguiremos a comer, a beber, a nos divertir, a trabalhar, a estudar, a noivar, a casar etc. E não poderia ser de outra ma-

neira, pois continuaremos com um corpo físico, embora fluídico, mas com todas as necessidades que um corpo exige, variando segundo o estado evolutivo de cada criatura. Aliás, aqui na Terra acontece o mesmo, pois quanto mais atrasado, mais grosseiros são os seus desejos. Há, no entanto, aqueles que conseguem abster-se de muitas coisas ainda indispensáveis para a maioria, tais como: tomar bebidas alcoólicas, fumar, jogar, entre outras cousas.

No filme “Irmão Sol, Irmã Lua”, São Francisco de Assis vendo que um de seus discípulos não conseguia manter-se casto, autoriza-o a casar-se, dizendo-lhe que era melhor que casasse do que viver abrasado pelos desejos sexuais. Pois bem, no plano espiritual acontece o mesmo, mas em escala maior, dadas as condições da população espiritual que não está presa aos preconceitos da sociedade terrena. Destarte, lá também há namoro, casamento e relações sexuais sem compromissos matrimoniais, embora não exista procriação, que só ocorre com os encarnados. E isso não é só admitido pelos espíritas, mas também pelas filosofias esoteristas, quando falam, inclusive, sobre os íncubos e súcubos, que são Espíritos masculinos e femininos, respectivamente, que mantêm relações sexuais com os encarnados, e isto não é ficção, mas uma verdade comprovada. Tais entidades demoníacas, segundo algumas religiões, são Espíritos inferiores conforme a Doutrina

Espírita. André Luiz também fala sobre esse assunto no livro “E a Vida Continua”.

As relações sexuais entre os Espíritos inferiores são comprovadas, porque a maioria dos encarnados já tiveram essas experiências durante o sonho. E se a união sexual ocorreu durante o sono, é natural que foi com pessoas que também estavam em desdobramento pelo sono, ou então com algum desencarnado. Aliás, as tentações nesse campo é um problema seríssimo, mesmo para aqueles que saem em desdobramento consciente, conforme nos alerta Waldo Vieira, em seu livro “Projeções da Consciência”, edição Lake. R. A. Ranieri, em seu livro “O Sexo Além da Morte”, edição Eco, também trata desse tema.

Quanto ao noivado, André Luiz ensina que nos planos espirituais, mais precisamente na cidade “Nosso Lar”, ele é muito mais belo, pois naquela cidade, em se tratando de criaturas mais espiritualizadas, não estão presas às convenções sociais de qualquer natureza, porquanto lá, realmente, o que une as pessoas é o amor sem qualquer interesse de ordem material.

O amor nas esferas espirituais mais elevadas é algo sublime, que está acima dos desejos sexuais, pois os pares se atraem por algo indefinível, que poderíamos denominar de amor, na falta de outro termo, que é o alimento das almas. É

por isso que as pessoas que vivem sozinhas, são tristes e propensas ao suicídio, porque lhes falta o que é mais importante para o ser humano, o amor. Estas separações se dão, seja por expiação ou provas, até que um dia haja a esperada união. Sem o amor não teríamos existência, segundo André Luiz. E esse alimento, que não é do corpo e sim da alma, também se encontra nas espécies inferiores, inclusive nos vermes. E sendo da alma e não do corpo, não é estranho que os Espíritos se amem e se unam, embora disponham apenas do corpo perispiritual para atuarem no plano físico, bastante sutil, comparando-o com o corpo carnal.

Quando falamos em união entre Espíritos Superiores, devemos entender que se trata de atração de um Espírito para outro, como se fosse um ímã e não como vulgarmente se entende. Allan Kardec (O Livro dos Espíritos, questão 202), diz que os Espíritos não têm sexo, podendo reencarnar como homem ou mulher, de conformidade com as necessidades de aprendizado. E na pergunta de n.º 200, a resposta é de que os Espíritos não têm sexo como nós entendemos, isto é, segundo a condição orgânica. Acrescenta que há entre os Espíritos amor e simpatia, mas baseados na afinidade de sentimentos.

André Luiz (No Mundo Maior, pág. 156, edição FEB), afirma que “a sede do sexo não se acha no corpo grosseiro,

mas na alma, em sua sublime organização.” Declara ainda que nas regiões mais altas, a feminilidade e masculinidade constituem características das almas acentuadamente passivas ou francamente ativas. Assevera ainda que, um dia, quando ganharmos todas as aquisições, atingiremos o equilíbrio em Deus. E quando atingirmos essa situação, de estarmos em harmonia com Deus, alcançaremos a condição crística de plenitude em todos os sentidos. O eterno êxtase, mas ativo.

COMO SE TRAJAM OS ESPÍRITOS

Os Espíritos operam na formação das vestes, costumes e adornos, agindo sobre os fluidos e emprestando-lhes formas e propriedades adequadas ao fim que tenham em vista (Palavras de Léon Denis — No Invisível).

Muitos supõem que a vida espiritual é bem pobre no tocante à matéria-prima para a feitura dos objetos e utensílios de que necessitam, porquanto somente dispõem dos fluidos para tal fim, enquanto que aqui temos o mineral, o vegetal e até o animal, sem falarmos dos produtos sintéticos. No entanto, se conhecêssemos as incalculáveis possibilidades que nos

oferecem os fluidos, jamais pensaríamos dessa maneira.

Devemos nos lembrar que a matéria tangível de que dispomos, também tem sua origem nos fluidos cósmicos, tendo em vista que a Terra é um produto dos mesmos. Assim sendo, vemos que os fluidos nos oferecem mais recursos, em virtude de sua maleabilidade e possibilidades sem conta.

Sendo os fluidos um campo inesgotável de recursos, o que não acontece com as nossas limitações terrícolas, concluímos que em termos de comparação, somos tão pobres que nem devemos pensar em fazer tais conjecturas. Entretanto, não devemos nos entristecer, porque na realidade aqui é apenas um pouso temporário, assim como uma estação na interminável viagem de demanda ao infinito. Mas de que se fazem as vestes no mundo espiritual? Pelo que vimos acima, a resposta já foi dada no tocante a matéria-prima, faltando apenas esclarecer quanto ao feitio, cuja mão de obra é apenas mental. Assim como aqui nós usamos as mãos para exercer as nossas atividades produtivas, no plano espiritual usa-se apenas o pensamento como ferramenta criadora. Assim sendo, os nossos trajes são produzidos pelos nossos próprios pensamentos, muitas vezes até inconscientemente, porque as nossas próprias condições espirituais, mecanicamente constroem aquilo que é objeto de nossas preocupações. É o que acontece na maioria das vezes, quando os Espíritos se apresentam

aos videntes, com a roupagem de que eles mais gostavam quando encarnados. Entretanto, há um limite aos nossos desejos, porque jamais um Espírito inferior poderia vestir uma túnica lucilante, porquanto a beleza e resplandescência das vestes é uma condição inerente ao estado evolutivo do usuário das mesmas. Assim sendo, os Espíritos malfeitores se trajam com farrapos imundos, condição representativa da miséria humana em que se encontram, porque eles não possuem condições de substituir tais vestes andrajosas, em virtude de que as mesmas nada mais são do que criações mentais de cada indivíduo, isto é, cada um é o próprio autor de suas indumentárias.

Yvonne Pereira nos fala em seu livro “Devassando o Invisível”, que os iniciados hindus, entre eles os seus protetores, usam uniformes característicos, com o indispensável turbante e respectiva gema, bem como anel de rara beleza. Afirma, ainda, que Bezerra de Menezes, quase sempre se apresenta envergando longa túnica vaporosa, nívea, cintilante, levemente esbatida de azul. Às vezes se mostra trajando avental de médico, com barrete, demonstrando o seu grande amor à profissão que exerceu durante a sua vida terrena, e que continua a exercê-la com muito amor em sua atual condição de desencarnado. A mesma autora diz que entre os Espíritos mais bem trajados que até então havia tido a felicidade de ver, se desta-

cavam Charles, seu protetor que se apresenta em trajes de iniciado hindu, tendo-se mostrado, uma única vez, em trajes de príncipe indiano, visto que no Século XVII foi soberano na Índia; e “Frederico Chopin, que já variou a indumentária quatro vezes em suas aparições, deixando se perceber, em duas delas apuradamente trajado à moda da sua época (reinado de Luís Felipe, na França), mas todo envolto num como luar azul translúcido, como neblina”.

No livro “A Vida Além do Véu”, de G. Vale Owen pág. 128, sua mãe, descrevendo os costumes do plano espiritual, fala de sua visita aos domínios do príncipe Castrei, em elevada região espiritual, dizendo que essa entidade: “Vestia uma túnica cor de creme, descida quase até aos joelhos; trazia as pernas e braços nus e vinha sem sandálias. Usava um largo trancelim de ouro, em cujo centro e extremidade se engastavam três grandes pedras azuis. Cingia-lhe a cintura um cinto metálico, em que se fundiam a prata e um metal cor de rosa. Estes característicos e outros mais denunciavam a sua alta categoria”.

No livro “A Vida nos Mundos Invisíveis”, de Anthony Borgia (edição “O Pensamento”), bem como no livro “Viagem Astral”, de Mme. Ernest Bosc, da mesma editora, também há farta citação de tais indumentárias, dando-nos assim uma prova de que no plano espiritual as pessoas demonstram bom gosto

pelo que usam, confirmando que o belo é cultuado em todos os planos. André Luiz, também faz uma bonita descrição desse tipo ao se referir ao instrutor Eusébio, quando este se apresenta com uma túnica esmeraldina lucilante, de extrema beleza. O detalhe que se destaca em quase todas essas descrições é a de que os Espíritos mais evoluídos apresentam-se trajados de túnicas resplandescentes, variando as cores, mas predominando o azul.

Cultuar o belo não significa vaidade, conforme ficou demonstrado pelas diversas citações de trajes e adereços de que se servem os Espíritos, pois os mesmos não caem no ridículo dos excessos, assim como vemos entre nós, quando alguém se exhibe de forma a parecer um bazar ambulante, dando uma demonstração de mau gosto, que significa inferioridade, o que não ocorre com os Espíritos Superiores, que primam pela simplicidade, sem contudo excluir a riqueza de que se constituem os seus trajes.

AS ATIVIDADES DOS ESPÍRITOS

Segundo nos ensinam os mestres, podemos avaliar a evolução das pessoas pela atividade que desempenham: quanto mais se dedicam ao trabalho, mais elevados são. A indolência é uma peculiaridade dos Espíritos primitivos, o que é evidente. E esta verdade é válida também para os desencarnados, porque a vestimenta carnal não modifica as pessoas.

Muitos podem estranhar que os Espíritos trabalhem, porque estão presos à idéia de que o trabalho está intimamente ligado às necessidades da sobrevivência física e ao conforto que o dinheiro, obtido pelo trabalho, possa lhes proporcionar. Ignoram que o trabalho é uma necessidade, como o alimento que sacia e o ar que se respira. Um prisioneiro que não possa fazer nada para ocupar o tempo, morrerá ou enlouquecerá de tédio.

Um dos maiores castigos é privar um trabalhador de desempenhar qualquer atividade. O ócio, por paradoxal que pareça, cansa.

Aquele conceito que tínhamos, quando desconhecíamos o Espiritismo, de que ao morrermos iríamos para o Céu ou para o Inferno; no primeiro caso para ficar eternamente louvando a Deus, e no segundo, para ser lançado nos caldeirões fumegantes, deixou de existir. Hoje sabemos que os Espíritos estão

em constante atividade, desempenhando as mais variadas funções, com um campo de trabalho muito mais amplo do que o dos encarnados.

Ao lermos os livros que descrevem a vida espiritual, verificamos com que amor esses seareiros do Senhor se dedicam ao trabalho e ao estudo, unindo a prática à teoria. E os serviços são os mais variados possíveis, pois assim como aqui, lá também são inumeráveis as tarefas a desempenhar, seja no campo da produção de bens, da pesquisa, das artes, do ensino, da cura, da programação de reencarnes, de atendimento aos desencarnantes, etc.

Embora lá também existam preguiçosos, porque também o eram aqui - devemos admitir que em percentual muito elevado, pois vivemos num mundo de expiações e provas - não devemos esquecer que estamos marchando em demanda à perfeição, e que esta somente atingiremos através do trabalho e do estudo, que nos enobrece e instrui.

As atividades dos Espíritos não se limitam aos planos espirituais, abrangem também a humanidade reencarnada e aos demais seres da criação. Aqui vivem na abençoada missão de proteger-nos, inspirar-nos e consolar-nos, desde que mereçamos essa assistência. É sem conta o número de pessoas que afirmam que tiveram ajuda para solucionar os seus problemas, seja de ordem física ou psíquica, bem como

no campo das artes e das pesquisas. Esses benfeitores espirituais são conhecidos por muitos nomes: anjos guardiães, guias protetores, mentores espirituais etc.

É impossível entender a magnitude dos trabalhos que os Espíritos realizam, porque eles vão desde um passe (para nós imperceptível, mas que operam “milagres”) até a de dirigirem os destinos das galáxias, conforme nos ensina André Luiz.

Muitos encarnados já nos disseram que achavam cansativo ficar eternamente trabalhando, sem nunca poder aposentar-se e viver a “doce-vida”. Essas pessoas já nasceram cansadas, no dizer popular. Aqui mesmo, no corpo carnal, muitas criaturas abnegadas desencarnam em avançada idade, sem nunca deixar de trabalhar. São aqueles que morrem em plena atividade, afirmando que aquele que não trabalha, não tem direito à vida. O trabalho é cansativo para aquele que o executa contra a sua vontade, por necessidade financeira, mas não para aquele que o faz por amor, com prazer, e vê que ele beneficia uma coletividade.

O cansaço é natural para o corpo físico, mas para os Espíritos mais elevados isso não acontece, pois a fadiga para eles não existe, porque dispõem de um corpo mais sutil. E como as atividades mais importantes são de ordem mental, tais como a de comandar uma falange de subordinados, é evidente que se limitam a tomar decisões que serão

executadas pelos subalternos, não estando sujeitos (tal como entendemos) ao cansaço .

Deus trabalha ininterruptamente desde toda a eternidade. Se um dia Ele deixasse de agir, tudo deixaria de existir, porque tudo depende de sua existência vivificante.

O MATRIMÔNIO ENTRE OS ESPÍRITOS

Se já tivemos muitas reencarnações, como fica a situação conjugal das pessoas que vivem no mundo espiritual, perante os cônjuges de anteriores existências terrenas?

Em primeiro lugar devemos lembrar que não nos encontraremos com todas as pessoas com quem já tivemos experiências conjugais, pelos seguintes motivos:

a) Nem todos irão para o mesmo plano em que nos encontramos, devido ao estado evolutivo de cada pessoa:

b) A maioria poderá estar encarnada neste ou em outros mundos.

Em segundo lugar devemos considerar a questão da afinidade. Nós nos aproximamos da pessoa com quem temos mais simpatia, mais afetividade.

Quanto às outras, com as quais já tivemos um relacionamento esponsalício, elas naturalmente estarão vivendo com aquelas que lhes são afins, porque a maioria dos casamentos

são de expiações ou provas, de conveniências ou acidentais. Aliás, como diz André Luiz (Nosso Lar, cap. 20, edição FEB): "O maior número de casais humanos é constituído de verdadeiros forçados, sob algemas."

Tendo em vista a nossa condição de Espíritos imperfeitos, já cometemos muitos desatinos no campo da sedução, daí nos aprisionarmos a certos compromissos reparativos, que nem sempre levamos a bom termo.

No plano espiritual, entretanto, os casamentos convencionais mudam de parceiros, cada um procurando aquele que lhe é mais simpático, mais afim. É por isso que não há problemas de poligamia, a não ser com os infelizes das regiões inferiores. André Luiz nos conta (mesmo livro, cap. 38) o caso de Tobias e suas duas ex-mulheres de sua última reencarnação, Hilda e Luciana, com esta em segundas núpcias. Tobias ao desencarnar foi acolhido por Hilda, sua primeira esposa. Luciana ao morrer, foi recebida fraternalmente pelo casal Tobias/Hilda, assistindo-a até que ela reencarnasse e se consorciasse com a pessoa afim, que a precedera no reen carne em alguns anos. Neste fato, vemos que o segundo casamento de Tobias, com Luciana, não representou nenhum problema para o trio, embora os três vivessem no mesmo teto, por algum tempo, porque Luciana reconheceu que Hilda e Tobias se amavam e que seu companheiro de anteriores

romagens terrenas estava reencarnado, aguardando-a para uma nova vida em comum. O seu casamento com Tobias, porque este enviuvara, foi apenas de ordem material e não por afinidade.

No mundo espiritual, portanto, os problemas são melhor compreendidos e solucionados, desde que se trate de criaturas moralizadas. Nas cidades espirituais mais felizes, a realização dos casamentos se dá entre os Espíritos simpáticos, desde que ambos se encontrem no mesmo plano. Caso contrário, aquele que estiver desencarnado deverá aguardar o regresso do companheiro que estiver encarnado. Pode ocorrer também que o Espírito que se encontre em plano inferior ao do seu companheiro, seja visitado por este, como é o caso de Alfredo e Ismália, mencionado por André Luiz em seu livro “Os Mensageiros” (cap. 17, edição FEB). Esta separação domiciliar permanecerá até que haja permissão para a vivência em comum. O mesmo pode acontecer entre encarnado e desencarnado, em que pelo sono (desdobramento inconsciente), o encarnado se encontre com o desencarnado, matando as saudades da separação (mesmo livro, cap. 37). Acontece o mesmo no caso do desdobramento consciente. Enfim, as separações dos Espíritos afins são transitórias, variando o tempo das mesmas, segundo as condições espirituais de cada pessoa.

O amor, na realidade, está além das atrações físicas. É mais puro entre os Espíritos que já superaram as necessidades sexuais, porque pairam no campo dos ideais superiores. As afeições desses Espíritos são inalteráveis, porque não estão ocultas pela máscara da hipocrisia. "O amor que os une é para eles a fonte de uma suprema felicidade." (O Livro dos Espíritos, item 296). Enquanto não alcançarmos essa faixa evolutiva, somos dominados pelo instinto animal da caça ao sexo oposto, de satisfação passageira. E esta condição não é apenas dos encarnados, mas também dos desencarnados. Ambos estão submetidos às exigências fisiológicas de seus corpos materiais, sejam carnis ou perispirituais.

COMO SE PROCESSA A REENCARNAÇÃO

“Desde que o perispírito possui o poder de organizar a matéria, é a ele que atribuímos essa função para explicar a formação do embrião e do feto.” “A Reencarnação” — Gabriel Delanne, pág. 295, Ed. FEB.

Muitos leitores já ouviram falar sobre a reencarnação, um dos princípios básicos do Espiritismo; mas poucos são os que se dedicam ao estudo sobre tão magno assunto, motivo pelo

qual vamos focalizá-lo neste capítulo.

André Luiz, em seu livro “Missionários da Luz”, cap, 13, edição FEB, nos fala detalhadamente sobre esse tema desde o encontro do pretendente ao reencarne com os seus futuros pais (durante o sono), até a ligação perispiritual com o óvulo fecundado.

Como nos ensina André Luiz, cada reencarnação tem as suas características próprias, não havendo, portanto, dois renascimentos exatamente iguais, embora em suas linhas gerais a técnica seja a mesma.

Como é do conhecimento dos que estudam o Espiritismo, os Espíritos construtores somente entram em ação algumas horas após o ato sexual, pois a intimidade do casal é sagrada — desde que sejam criaturas moralizadas —, tendo em vista que os espermatozóides (aos milhões) avançam vagarosamente através dos condutos naturais em busca do óvulo, numa velocidade de um minuto para cada três milímetros percorridos. O responsável pela reencarnação ativa magneticamente o elemento escolhido e ele tomará a dianteira e atingirá, qual projétil, o óvulo, que se assemelha a uma esfera de açúcar, amido e proteínas. Ao ser dilacerado pela cutícula espermática, o óvulo se enrijece, cerrando os poros tenuíssimos, impedindo a intromissão de qualquer outro dos competidores. Após esse lance, o elemento vitorioso

prossegue a caminhada até o núcleo, que levará de quatro a cinco minutos.

O reencarnante, já em sua forma perispiritual reduzida às dimensões de uma criança, devido ao influxo magnético dos construtores espirituais, é recebido pela futura mãe, que o retém amorosamente sobre o peito, interpenetrando-lhe o corpo perispirítico, graças a um processo de união magnética.

O organismo maternal fornecerá todo o alimento para a organização do corpo físico, que vai desenvolvendo-se e reproduzindo, em síntese, durante os primeiros meses da gestação, todos os degraus da série zoológica, repetindo num curso rápido as etapas vencidas, estacionando na posição em que deve prosseguir no aprendizado. Esta tese também é defendida por Gabriel Delanne em seu livro “A Reencarnação”. Diz André Luiz que: “Na organização fetal, o patrimônio sangüíneo é uma dádiva do organismo materno.”

À medida que o feto se desenvolve, mais prisioneiro fica o reencarnante de seu corpo em formação, acentuando-se o estado perturbativo que se iniciou antes de sua imersão na carne.

Como o renascimento significa uma espécie de “morte” no plano espiritual, pois à medida que se intensificam as operações magnéticas de redução do corpo perispiritual às dimensões de uma criança, o Espírito vai tornando-se cada

vez mais inconsciente; seu olhar fica vago, menos lúcido; como se alheando do mundo em que se encontra.

A maioria é conduzida ao ventre maternal como crianças adormecidas.

Um detalhe interessante é o do ajustamento do Espírito sobre o óvulo já fecundado, que a partir desse momento começa a movimentar-se, recebendo a ação vigorosa do modelo, que é o perispírito reencarnante.

Embora a ligação perispiritual com o feto, através do fluido vital, se torne cada vez mais acentuada, ela não impede que o Espírito abandone o corpo, rompendo os compromissos assumidos. Isto, porém, representa um verdadeiro suicídio, pelo qual o responsável terá que pagar. O feto, nesse caso, será expelido naturalmente. Há casos, entretanto, em que o embrião se desenvolve normalmente, sem que tenha um Espírito que o anime, o qual nascerá morto. São os denominados natimortos que frustram os anseios dos pais, punindo-os pelos erros do passado, porque não souberam valorizar a vida. Os que frustram serão frustrados, essa é a lei.

RELACIONAMENTO: ENCARNADOS/DESENCARNADOS

Pelo que nos informam os Espíritos, o relacionamento entre os encarnados e desencarnados durante o sono é maior

do que imaginamos. Como retemos na memória pouquíssima coisa daquilo que ouvimos ou presenciamos pelo sonho, deixamos de avaliar a extensão dos acontecimentos e das informações que recebemos e transmitimos.

Muita coisa acontece nesses encontros noturnos, em que matamos as saudades dos entes queridos, que vivem na outra dimensão da vida, sejam eles parentes ou amigos, desta ou de outras jornadas terrenas, embora não os conheçamos na condição física em que se apresentam, porque se mostram com vestimentas físicas utilizadas em outras reencarnações, com as quais tivemos um bom convívio, mas das quais nosso cérebro não possui registro, daí estranharmos que ao nos acordar não os reconheçamos. Mas também encontramos pessoas que nos causam antipatia e até repulsa, porque ainda não aprendemos a perdoar e tentar uma reconciliação.

André Luiz nos fala da alegria e tristeza que sentimos ao acordar, devido a esses encontros durante o sono, ocasiões em que prometemos cumprir determinados compromissos, seguir certas diretrizes ou executar determinadas tarefas. Reahnente, coisas grandiosas ou desastrosas acontecem resultantes desses reencontros periódicos, nos desdobramentos inconscientes, denominados sonhos.

Sucedem-se casos inusitados, como aquele relatado por André Luiz (Libertação, cap. VI) em que duas senhoras (uma

encarnada e outra desencarnada) estavam conversando sobre planos de vingança que a desencarnada pretendia executar por intermédio da amiga encarnada, que a ouvia e que se achava como que fascinada pela obsessora, aceitando como sensatos os motivos que a interlocutora apresentava, para levar a efeito o funesto plano. Diz André Luiz que são milhões de casos que acontecem diariamente, devido a esses encontros durante o sono, em que 75% da população de um dos hemisférios da Terra visitam os seus afins do plano espiritual.

Um outro caso muito significativo é o da moça pobre que seu pretendente não dispunha de recursos para casar-se, por não ter um emprego firme e bem remunerado, e que o instrutor de André Luiz pretendendo colaborar na reencarnação de um inimigo da citada moça, por seu intermédio, durante o sono expõe à jovem a importância da reconciliação através da aceitação de seu desafeto como filho. A moça concordava com essa aproximação, mas alegava que seria impossível devido às dificuldades financeiras, tendo o mencionado instrutor prometido que esse obstáculo seria removido, pois o almejado emprego seria conseguido.

Kardec nos assevera que influenciemos e somos influenciados, muito mais que supomos. Nesses reencontros entre os encarnados e desencarnados, seja aqui mesmo na

crosta ou nos planos espirituais, tudo pode acontecer, seja com amigos ou inimigos.

Grande parte da população espiritual vive aqui conosco, preocupada com os nossos problemas ou procurando nos prejudicar, seja por vingança ou inveja. E quando cai o manto negro da noite e os encarnados, pelo sono, entram em contato com os seus amigos ou inimigos, as coisas mais incríveis podem acontecer: pessoas amadas que se reencontram; amigos que se confraternizam; acordos que se estabelecem; compromissos que se assumem; paixões desvairadas que explodem; inimigos que se digladiam; etc. Realmente, é um entrecocar de sentimentos variadíssimos, resultando fatos extraordinários.

Dizem os Espíritos que muitos missionários concordam em aceitar determinadas missões, porque contam com esses encontros noturnos, não só para receber orientações, mas também encorajamento. Pelo sono eles visitam os seus amigos e mentores espirituais, com os quais haurem forças e estímulo para prosseguir em sua tarefa benemérita .

Esta é mais uma forma com que Deus, na sua infinita sabedoria e amor, assiste os seus filhos em sua caminhada em busca da perfeição.

FRONTEIRAS DOS PLANOS ESPIRITUAIS

“Um fecho de luz sublime varreu o céu, não longe, indicando uma ponte cuja extensão não pude, no momento, precisar.” Irmão Jacob — Voltei, pág. 77.

O plano espiritual é cheio de surpresas, seja quanto aos seus habitantes, seja quanto às coisas que passamos a conhecer. Os livros psicografados nos revelam um mundo fantástico, embora existam muitas coisas que se assemelham às que conhecemos aqui na crosta. Entre elas uma nos chamou a atenção, quando lemos o livro “Viagem Astral”, de Mme Ernest Bosc, edição Pensamento, que se refere a uma ponte que demarcava dois planos espirituais, que podíamos denominar de divisa da sombra e luz. Achamos estranho, nessa ocasião, que no mundo espiritual existisse a necessidade de uma ponte para atravessar um abismo que delimitasse duas regiões espirituais. Isso, porém, deixou de ser absurdo, a partir do momento em que lemos o livro “Voltei”, de Irmão Jacob, psicografado por F.C. Xavier, editado em 1948, e que nos fala de uma ponte com essa finalidade, confirmando as afirmações daquele livro, que foi escrito em 1896. Coincidindo em outro detalhe, o de que tanto num livro como no outro assevera que há seres inferiores que vigiam a

ponte de acesso ao plano de luz, para impedir que Espíritos ainda não bem preparados psicologicamente/moralmente atravessem essa ponte. Para facilitar a sua localização aos caminheiros que se encontram nas proximidades, devido ao denso nevoeiro que envolve essa região, a ponte é iluminada por potente holofote.

Para evitar os contratempos é que existem os chefes de expedições que conduzem os recém desencarnados em demanda aos planos mais adiantados. No caso mencionado por Irmão Jacob, Bezerra de Menezes é que chefiava a expedição pelos estranhos caminhos umbralinos, cheios de percalços, até aos locais com os quais os viajantes se afinassem, segundo os seus estados evolutivos. Embora exista um distanciamento geográfico, deve se levar em conta que há também faixas que se mesclam, apesar de não compreendermos bem essa condição aparentemente ilógica, isto é, viajar de uma faixa vibratória para outra sem se distanciar geograficamente.

Como a existência das regiões umbralinas se deve à nossa inferioridade, porque projetamos no espaço as criações mentais enfermigas e desequilibrantes, é natural que as zonas purgatoriais se encontrem próximas da Terra. É evidente que a maior contribuição para esse estado de coisas se deve aos próprios Espíritos sofredores que aí vivem os seus tormentos. Quanto à questão das faixas que se superpõem, umas às ou-

tras, devem ser entendidas em dois sentidos: em distanciamento e em outras dimensões vibratórias que nos escapam à compreensão, por enquanto. André Luiz nos fala que os Espíritos utilizam-se de caminhos diferentes em suas viagens entre as esferas superiores e a Terra que habitamos, dependendo das conveniências, seja para estudo desses locais, rapidez ou por necessidades outras, como nos casos das caravanas de recém libertos da carne ou de socorro aos que se encontram nos umbrais. É por isso que muitas vezes André Luiz fala de Espíritos superiores que atendem as evocações instantaneamente.

Quando se trata de caravanas socorristas que adentram as regiões mais densas do umbral, inclusive a abismal (sub-crosta), os caravaneiros contam com animais, veículos e até pássaros devoradores de miasmas expelidos pelos Espíritos inferiores. Nas cidades, como a “Nosso Lar”, os Espíritos utilizam-se de aeróbus; nome das naves aéreas, bem como a levitação.

Vemos, portanto, que a exemplo do que acontece aqui na crosta, em que temos vias pavimentadas e picadas nas florestas, lá também existem facilidades, como a levitação ou obstáculos de todos os tipos imagináveis.

Que possamos exercitar, cada vez mais, o nosso poder mental, que é o motor que nos fará levitar mais facilmente, se-

ja nos planos espirituais mais densos ou mais sutis, a fim de que não venhamos a causar tanto trabalho aos nossos mentores, quando fizermos a nossa grande viagem, ao deixar o corpo carnal.

AS MARAVILHAS DOS PLANOS ESPIRITUAIS

"— Nas extremidades do Campo da Música, temos certas manifestações que atendem ao gosto pessoal de cada grupo dos que ainda não podem entender a arte sublime; mas, no centro, temos a música universal e divina, a arte santificada, por excelência."

André Luiz — Nosso Lar, pág. 250.

No livro "A Vida nos Mundos Invisíveis", do Monsenhor Benson, psicografado por Anthony Borgia, edição Pensamento, há informações interessantes a respeito da cidade espiritual em que ele foi viver ao desencarnar. Essas revelações, embora muitas desse teor já tenham sido divulgadas por outros Espíritos, principalmente André Luiz, são importantes, porque revelam outras facetas da vida espiritual.

Monsenhor Benson diz que ao ser conduzido pelo seu protetor espiritual ao plano que fizera jus, já havia uma casa à

sua disposição, com jardim e pomar. Mas a melhor surpresa foi a de encontrar uma biblioteca semelhante a que tivera quando encarnado, na qual havia também os livros de sua autoria. Biblioteca essa com livros não sujeitos à ação deterioradora do tempo ou do manuseio, sendo, portanto, duradouros, salvo se o seu proprietário quiser eliminá-los. Diante de tais informes vimos que existem nos planos espirituais todos os livros que já foram escritos na Terra, mesmo os mais antigos, como os que foram destruídos no incêndio da Biblioteca de Alexandria.

E os felizes habitantes dessas regiões espirituais elevadas, poderão se beneficiar da leitura desses livros, no seu texto original, sem os inconvenientes das alterações que os editores possam fazer nas reedições que surjam no futuro, como pode ocorrer com as do plano material.

Como seria admirável ler os livros de Pitágoras, Platão, Confúcio e tantos outros grandes missionários, livres das interpolações; ler os evangelhos como foram escritos pelos discípulos de Jesus. Mas, principalmente, conhecer as revelações dos planos maiores e que ainda não foram divulgadas neste mundo, por não estarmos ainda preparados para as mesmas.

Não é somente no campo da literatura que poderemos nos beneficiar quando tivermos condições de alcançarmos es-

ses planos de luz, mas também nos demais setores do conhecimento humano.

André Luiz nos fala em um de seus livros, de instrumentos musicais desconhecidos na Terra, que possibilitam transmitir a verdadeira harmonia celestial. Sons que extasiam aqueles que têm a ventura de ouvi-los. As pinturas atingem um grau de perfeição que dão vida às cenas ou aos personagens apresentados, em virtude das cores e das dimensões em que são produzidos. É um mundo de beleza e de luz que ultrapassam a tudo que possamos imaginar.

No mencionado livro “A Vida nos Mundos Invisíveis”, o autor nos fala das frutas que desmancham na boca, e mesmo que algum líquido escorra pelo queixo não suja, pois evapora-se voltando ao fluido cósmico. As águas dos rios são de uma temperatura agradável e revigorante (saturadas de magnetismo), que restabelecem as energias dos recém-chegados àquele plano. As pessoas banham-se em suas águas sem despir-se, pois ao saírem do rio ficam enxutos.

Realmente há planos maravilhosos na vida espiritual, que transmitem alegria pelo bem estar que proporcionam, que parecem inverossímeis, mas que de fato existem. Muitos poderão rir de tais descrições, alegando que se trata de mistificação. Para esses lembraremos a estória do peixinho vermelho constante do prefácio do livro “Libertação”, de André Luiz, es-

crito por Emmanuel. Todos acharam que o peixinho vermelho estava louco, quando ele quis, num gesto de bondade, falar aos seus antigos colegas do lago que vivera, da grandeza e beleza do imenso mar, refúgio seguro e rico que os esperavam, caso quisessem fazer algum sacrifício para alcançá-lo. Todos riram desbragadamente daquele que julgavam que estava delirando, como riem os materialistas ao ouvirem alguém falar da vida nos planos espirituais.

LUZ ESPIRITUAL

Nem sempre as pessoas que freqüentam às reuniões de estudos espíritas, perguntam sobre questões relacionadas com o tema em debate; às vezes ocorrem as mais estranhas argüições, por exemplo: Se os Espíritos que vivem nas regiões abismais não recebem a luz do sol e nem dispõem de nenhum instrumento de iluminação, como é que eles fazem para ver, para saber onde se encontram?

Como os Espíritos não vêem pelos olhos e não ouvem pelos ouvidos, mas por todo o corpo perispiritual, não é de admirar que a visão e a audição sejam por outros meios, e não pelos quais normalmente utilizamos aqui na Terra. Os Espíritos não enxergam através das paredes? Os videntes também não conseguem o mesmo resultado?

Os Espíritos nos ensinam que os fluidos são os condutores do pensamento. Se os Espíritos inferiores transformam regiões iluminadas pelo Sol, em densas trevas, porque eles também não podem ver por onde caminham, embora as sombras envolvam os planos em que vivem? Temos que compreender que a visão espiritual independe da luz material. A percepção se dá através dos fluidos, que estão por toda parte do Universo e estão imantados magneticamente, propiciando uma luminosidade não relacionada com a luz solar ou artificial. Essa percepção não é imaginária e sim real, e disso temos um exemplo aqui na crosta, com as aves e animais que descobrem sua presa nas noites mais escuras. É porque eles vêm onde outros nada conseguem. Não existem peixes que enxergam nas profundezas dos oceanos, onde a luz não consegue ali chegar?

No Livro dos Espíritos, item 58, o responsável pela resposta diz que nos mundos mais afastados do Sol, a eletricidade desempenha um papel desconhecido para nós, bem mais importante que aquele que nos cabe na Terra, mesmo porque, cada espécie de ser vive de maneira diferente, possuindo, portanto, recursos que ainda desconhecemos. As auroras boreais não iluminam as noites polares? Assim, também, os Espíritos, mesmo os mais atrasados, não estão abandonados pela bondade divina, que os ampara amorosamente, mesmo aqueles

que se encontram nas regiões sub-crostais.

É natural que os Espíritos inferiores são míopes, comparados com os Espíritos superiores, não conseguindo desfrutar das imensas possibilidades de visão, que estes dispõem. Entretanto, todos vivem e sobrevivem, não importa onde se encontrem, seja nos planos umbralinos ou nas zonas abismais.

Em síntese, a luz solar pode iluminar determinadas regiões, mas a luz que predomina nos planos espirituais é a que promana dos próprios fluidos, segundo as possibilidades de percepção de cada Espírito. Assim como existem os lincês, também existem as toupeiras, cada espécie com sua possibilidade de visão.

REGIOES ABISSAIS

“— Não estamos contemplando senão a superfície de trevosos cárceres a se confundirem com os precipícios subcrostais”.

André Luiz — Libertação, pág. 93,

Vários livros mencionam as regiões subcrostais, dentre eles: “O Abismo”, de R.A. Ranieri; “Nas Fronteiras da Loucura”, de Manoel P. de Miranda; “Memórias de um Suicida”, de Camilo Castelo Branco, e “Libertação”, de André

Luiz. E todos são unânimes em afirmar que essas regiões purgatoriais são as mais terríveis que conheceram.

André Luiz confessa que seria difícil acreditar que esses antros de sofrimentos pudessem existir. Somente presenciando essas cavernas lodosas e nauseantes e ouvindo a gritaria ensurdecadora daqueles que ali se acham enclausurados, pois não conseguem se libertar das mesmas, é que se pode avaliar a angústia e o desespero em que se encontram. Nesse ambiente de denso nevoeiro que mal se distinguem os detalhes e dimensões dessas zonas abismais, é que podemos avaliar a magnitude desses locais de purgação. Diz-se abismal, em vista do despenhadeiro em que fica essa coletividade de sofredores. Tais abismos assemelham-se a imensas crateras de vulcões vivos, onde a gritaria ensurdecadora e ininterrupta é de enlouquecer qualquer um, mesmo os mais fortes e equilibrados .

Segundo nos afirmam os autores mencionados, as zonas subcrostais, como o próprio nome indica, localizam-se nas entranhas da Terra, no subsolo. Isto seria inacreditável, se tais revelações não fossem psicografadas por médiuns de inteira confiança, como F. C. Xavier, Divaldo P. Franco e Yvonne A. Pereira.

Essas aglomerações de seres humanos vivendo no subsolo, deixam de ser absurdas, se nos lembrarmos de que para

os Espíritos a matéria grosseira, que é a terra, não oferece nenhum obstáculo para a sua travessia, pois conforme nos ensina a Doutrina Espírita, para os corpos fluídicos, a nossa matéria não opõe nenhuma resistência. É uma questão de consistência.

Muitos ovóides acompanham os seus inimigos em suas purgações nas cavernas abismais, assim como também sonhos, durante centenas e até milhares de anos. São Espíritos que degeneram o corpo perispiritual, peio ódio superlativo. A destruição do corpo perispirítico é uma verdade insofismável devido aos testemunhos de Espíritos de comprovada idoneidade.

Manoel P. Miranda, relatando uma missão socorrista a uma zona abismal, localizada no subsolo de uma grande cidade brasileira, narra que ela fica sob a área de uma penitenciária e da faixa do lenocínio mais hediondo dessa cidade. Ao se aproximar da mesma, descreve que ela desaparecia, coberta por poderosa sobreposição de faixas vibratórias, em que estas anulavam as físicas.

Antes, porém, de atingir o abismo, percorrera longo caminho, onde de quando em quando surgiam sombras humanas que se asfixiavam no tremedal, levantando-se, a gritar, para logo desaparecer no lamaçal pútrido.

Ao atingir o abismo idimensional, onde não havia luz de

qualquer espécie, e onde a esperança parecia não existir, os missionários dessa missão, lançaram as redes luminosas para que os que desejassem deixar aquele atoleiro imundo, agarrassem as mesmas, mas apenas os de boas intenções conseguiram segurá-las, enquanto que os de condições psíquicas negativas esforçavam-se em vão para agarrá-las, porque as redes diluíam-se ao contato de suas mãos.

O alarido que partia daqueles despenhadeiros misturava-se com ladridos e uivos animais daquela multidão de reclusos, que eram chicoteados, fortemente, pelos seus verdugos. Ar pestilencial envolvia toda aquela região de indescritível sofrimento. As palavras jamais poderão traduzir a realidade daquele inferno, como era denominada a região por aqueles que ali viviam. (Nas Fronteiras da Loucura, cap. 22).

Vemos por estas breves anotações, quão importante é tomarmos conhecimento de tão significativo assunto, pois ele nos demonstra a importância do perdão, da bondade e de tudo aquilo que o Mestre Jesus nos ensinou, como forma de encontrarmos a verdadeira felicidade, e não a passageira que procuramos nas coisas materiais, muitas vezes lançando mão de expedientes escusos, que nos causarão sofrimentos inenarráveis.

Não é sem motivo que os benfeitores espirituais não se cansam de nos enviar mensagens orientadoras, incentivando-

nos para a luta contra o nosso maior inimigo, que são os nossos vícios físicos e mentais, bem como contra a maior chaga da sociedade, que é o egoísmo.

Quem deixar de seguir essas recomendações e cair nas tentações dos prazeres inferiores e empolgar-se com as conquistas dos tesouros perecíveis, possivelmente podera passar pelas tristes experiências dos que se encontram nas regiões abismais.

O INFERNO

Os homens de todos os tempos, sempre acreditaram que seriam felizes ou infelizes, quando desencarnassem, segundo o bem ou o mal que fizessem neste mundo. Essa felicidade ou infelicidade que esperavam, era, entretanto, de conformidade com os reflexos dos sentimentos que neles predominavam. Desta forma os guerreiros ficavam felizes, com as honrarias tributadas à bravura; os caçadores na abundância da caça; os sensuais nos prazeres da voluptuosidade; tudo de conformidade com o quadro material que alimentavam.

Sendo ainda bastante atrasados, eles criaram um inferno material, mas em grau superlativo; assim é que, nas regiões quentes, imaginaram um inferno de fogo e nas regiões frias um inferno de gelo.

O inferno dos pagãos, baseados no fogo material, porque

representa os mais cruéis sofrimentos, foi ultrapassado pelo inferno cristão, cujas caldeiras ferventes eram inspecionadas pelos anjos, para verem as contorsões dos condenados, enquanto que no caso dos pagãos, Plutão apenas se limitava a governar tal região, desincumbindo-se da missão que lhe fora confiada. Satanás, no entanto, procura recrutar mais vítimas por toda parte e alegra-se ao vê-las atormentadas por legiões de demônios armados de tridentes para revolvê-las nas chamas.

Segundo esses cristãos, o céu está localizado em regiões superiores e o inferno, obviamente, situa-se em regiões inferiores, nas entranhas da Terra, para a qual, segundo acreditam, certas cavernas servem de entrada.

Jesus, devido à ignorância do povo de então, preferiu abster-se de falar sobre tais recompensas ou castigos, deixando ao tempo o trabalho de corrigir tais erros. Limitou-se a falar das bem-aventuranças e dos castigos que esperavam os culpados. Mas em parte alguma, nos seus ensinamentos, encontra-se o quadro dos suplícios corporais que os cristãos transformaram em artigo de fé.

Acreditando apenas em duas regiões, a dos eleitos e a dos condenados, não admitem a possibilidade de evolução, porquanto os condenados ao inferno, jamais alcançarão o céu; condições definitivas para estes e aqueles, excluindo-se a

região intermediária que é a purgatorial.

Não admitindo a reencarnação, acreditam que as crianças são conduzidas ao limbo, onde não sofrem e nem gozam de felicidade, pois uma criança não tendo praticado o mal, nem o bem, não poderá ser enviada ao inferno ou ao céu. Tal condição também é a dos selvagens, porque não receberam a graça do batismo e das luzes da religião, pecam, portanto, por ignorância.

Esta é a conceituação de algumas religiões cristãs; quanto ao Espiritismo, ele nos ensina, que o inferno não é um local de eterno suplício e sim temporário; variando esse estágio de sofrimento, de acordo com as condições mentais que estivermos vivendo. A pessoa será socorrida, quando deixar de revoltar-se e predispor-se, mentalmente, ao socorro. O arrependimento não nos livra, de um dia, repararmos nossas faltas, mas nos propicia o amparo de nossos Benfeitores Espirituais. Ensina-nos, ainda, que a real purgação ou catarse, processa-se quando estamos encarnados. Basta olharmos os nossos irmãos encarcerados, hospitalizados, aleijados e famintos, para termos uma visão do purgatório. É evidente que certas regiões umbralinas também funcionam como purgatório, preparando os Espíritos para serem recolhidos aos hospitais das zonas mais felizes, a exemplo da cidade “Nosso Lar”, “Esperança” etc., tendo em

vista que, se assim não fosse, tais pessoas causariam desequilíbrios nos locais em que estivessem albergadas. André Luiz nos esclarece, com sabedoria, a respeito, mostrando que não se pode recolher esses desequilibrados, enquanto os mesmos não estejam em condições para tal fim, porque do contrário seria o mesmo que alojarmos delinquentes em nossos lares. O bom senso nos diz, que isso é uma imprudência; entretanto, a Misericórdia Divina está pronta a ajudar a todos aqueles que se disponham a dar o primeiro passo na senda do bem, libertando os do “inferno”, ou seja, da região abismal ou subcristal, como é denominada pelos espíritos.

BIBLIOGRAFIA:

O Céu e o Inferno, de Allan Kardec.

CIDADE SOMBRIA

“Mutilados às centenas, aleijados de todos os matizes, entidades visceralmente desequilibradas, ofereciam-nos paisagens de arrepiar.”

André Luiz — Libertação, pág. 57

No livro “Libertação” (cap. IV), André Luiz nos fala de uma cidade dos planos inferiores, onde o panorama é um dos mais

desagradáveis, seja pelo local e a população, seja pela fauna e a flora. São descrições que nos causam medo e tristeza, tal é a situação dessa coletividade de sofredores.

A cidade está envolta em denso nevoeiro, em terreno acidentado e casario paupérrimo, decadente e sórdido, com exceção do templo e dos palácios do pessoal administrativo, que ficam num pequeno planalto, onde há ruas e praças bem cuidadas, cheias de povo e carros puxados por escravos e animais.

Tanto os seres humanos e sub-humanos, como a flora e a fauna causam comiseração, tal é a degeneração em que se encontram. No ar, aquele ambiente de insegurança, ao presenciar-se aquelas fisionomias patibulares. Pigmeus aos magotes perambulam pelas ruelas, como que impulsionados por uma força estranha, que os move de um local para outro, sem destino.

A ociosidade é a nota dominante.

Multidões de seres sub-humanos são utilizadas para os serviços mais rudimentares, como trabalhadores de poucas possibilidades, em regime de escravidão. Para completar esse quadro entristecedor, essa população se traja de roupas imundas e fétidas. Entre os dirigentes predomina a roupa de cor escarlate, simbolizando bem o estado de agressividade que lhes é peculiar.

Tudo é de causar pena, inclusive a flora, porque até as plantas são desagradáveis ao olhar; mas o que mais amedronta é a grande quantidade de animais monstruosos, que se movimentam a esmo, como duendes.

Nessa cidade purgatorial, 95% da população se dedicam ao mal e à desarmonia, não existindo crianças, como se Deus quisesse poupá-las de lugar tão desolador e inseguro. Os restantes 5% são constituídos de missionários do bem, em abnegado serviço de auxiliar aqueles que demonstrem arrependimento e propensão para a reforma íntima. Trabalham anonimamente, para não despertar revolta por parte dos Senhores da Colônia.

Essa população de estropiados e malfeitores, escravos e carrascos, vive sob severa vigilância de um policiamento de pessoas de semblante feroz, mais parecendo felinos à procura de uma presa. Todos, entretanto, não passam de instrumentos da Justiça Divina, que utiliza o homem para corrigir o homem.

A alimentação se dá através da vampirização dos fluidos dos encarnados que se afinem com as paixões rasteiras, sugando-lhes as energias, como se fossem lampréias insaciáveis. Essa cidade fica nas proximidades da crosta terrestre.

O plano espiritual é um mundo de infinitas situações, de conformidade com as condições morais e intelectuais de sua população, que se agrupa por afinidade; mas, como aqui, lá

também existem os que governam e os que são governados, segundo a condição intelectual que alcançaram .

O importante dessa lição é que ela nos adverte para o perigo do envolvimento dessa coletividade de vampiros, que está bem próxima de nós, à procura daqueles que se afinem com as sensações inferiores, para se imantarem aos mesmos.

Como dizem os benfeitores espirituais, cada pessoa tem a companhia que deseja, segundo as suas inclinações. E diante dessa advertência, não podemos alegar ignorância, se formos conduzidos a cidades dos planos inferiores, ao desencarnar. Vigiemos, portanto, as nossas tendências, para que não desembarquemos nessas regiões de atrozes sofrimentos.

FOGO PURIFICADOR

“À distância de muitos quilômetros, víamos os clarões da fogueira ateadada pelas faíscas elétricas na desolada região.” André Luiz — "O-breiros da Vida Eterna".

Muitos relatos históricos, filosóficos ou religiosos são levados à conta de fantasias, atribuídas aos literatos que dão asas aos seus sonhos e visões, mirabolantes na maioria das vezes. No entanto, muitas dessas presumíveis ficções tornam-se realidade, comprovadas que são pela tecnologia ou pelo

testemunho idôneo de Espíritos de escol, quando se trata de questões espirituais. É por isso que Kardec não critica os livros considerados por muitos como fantasiosos, como a Bíblia, no caso da criação do mundo em seis dias. “Devemos concluir, então, que a Bíblia é um erro? Não; mas que os homens se enganaram na sua interpretação.” (LE, questão 59) O codificador interpreta essa afirmação bíblica como alegórica, atribuindo a cada um desses dias, períodos de muitas centenas de milhares de anos.

A Divina Comédia, de Dante Alighieri, o pai da poesia italiana (1265-1321), considerada uma das melhores obras da literatura mundial de todos os tempos, orgulho da latinidade, também é enquadrada entre os livros de ficção, embora suas referências sobre o céu, o purgatório e o inferno sejam aceitas por muitos seguidores do Cristianismo. Nesse livro, o autor fala que os condenados às penas do inferno, são lançados nas fogueiras que ardem eternamente sem destruir os corpos, sem falar de outros tipos de suplícios. Esse aparente absurdo, chamados que queimam sem destruir os corpos, também foi ridicularizado por seguidores de algumas filosofias; no entanto, André Luiz nos fala sobre o fogo higienizador, que desencadeia enormes fogueiras que desintegram os miasmas deletérios das zonas tenebrosas, criadas pelas mentes doentias de milhões de Espíritos dessas regiões, locais em que eles vivem

dias ou milênios. Mas, conforme nos diz esse mestre espiritual, essas labaredas envolviam a turba desarvorada das regiões inferiores, causando-lhes sofrimentos horríveis, sem, no entanto, ocasionar-lhes a morte, pois o Espírito é indestrutível. Tanto isso é verdade que esses Espíritos tentaram assaltar o Posto de Socorro dessa região, para se defenderem do fogo que se aproximava, mas seus intentos foram frustrados, devido às barreiras magnéticas que defendiam essa instituição socorrista. Só eram amparados os que demonstrassem condições de serem internados, o que se constatava pela irradiação do corpo perispiritual, característica segura para esse tipo de identificação. Se não seria o caos dentro da instituição.

Para escapar do fogo purificador, a Casa de Fabiano (como é denominada), no seu conjunto, foi transferida para um local inacessível a esse fogo, em regiões mais elevadas, e posteriormente retornou à região para a qual ela fora criada.

Vemos por essas revelações espíritas, que nem tudo é inverossímil nas afirmações dogmáticas de algumas religiões, apenas os detalhes. Por exemplo: O Espiritismo também admite os sofrimentos dos Espíritos que perambulam nas regiões umbralinas mais densas e abismais (subcrostais), conforme nos fala Bezerra de Menezes no livro “Nas Fronteiras da Loucura”, psicografado por Divaldo P. Franco; só que não eternamente, mas sim transitoriamente, enquanto perdurar o

ódio e as paixões inferiores, o que pode durar dias ou milênios, repetimos. O socorro virá quando o sofredor arrepender-se dos males praticados e demonstrar sincera disposição para repará-los, o que modifica o seu padrão vibratório. A condição mental identifica-o com a luz ou com as trevas, de acordo com a irradiação do corpo perispiritual.

É bom lembrar que o inferno admitido por algumas crenças cristãs, não é de sua invenção, mas cópia exagerada (em muitos sentidos), do inferno pagão, conforme consta do livro “O Céu e o Inferno”, cap IV de Allan Kardec.

Pelo que foi exposto, é necessário que iniciemos a nossa transformação moral, para não sermos surpreendidos nessas regiões purgatoriais sem a roupagem de amianto de nossas transformações morais, até que possamos ingressar nos planos maiores. Esse ingresso será mais cedo ou mais tarde, de acordo com as nossas disposições de vencermos as nossas paixões inferiores e nos dedicarmos às conquistas morais e intelectuais.

TRIBUNAIS ESPIRITUAIS

“— Oh! - exclamei em voz sussurrante - por que motivo confere o Senhor atribuições de

juízes a Espíritos despóticos? por que estará a justiça, nesta cidade estranha, em mãos de príncipes diabólicos?” André Luiz - Libertação, pág 67.

É costumeiro ouvir-se nos meios espíritas dizer-se que o tribunal que temos que enfrentar é o da consciência, o que é verdade; mas também existe nas regiões umbralinas mais densas, como aqui na Terra, um tribunal presidido por um juiz que julga os infratores da Lei, os quais não dispõem de advogado de defesa, porque os réus nada podem esconder ou inventar, pois eles se apresentam tais quais são, já que o perispírito é um livro aberto aos juízes desses tribunais. É por isso que não devemos criticar as religiões que falam que ao morrermos enfrentaremos o tribunal que nos condenará ao inferno, se aqui na Terra tivemos uma vida de libertinagem, roubo, assassinatos, e outros crimes. Cada criatura terá, inevitavelmente, a punição que merece, segundo o crime que cometer. É natural que isso aconteça, porquanto nós iremos para o plano espiritual que merecermos. E se formos um criminoso, seja qual for o crime, é natural que iremos parar nos planos inferiores, onde existem Espíritos que exercem esse mister e que, inconscientemente, estão a serviço de Deus, porquanto, “o mau só pode ser corrigido pelo mau”,

conforme nos ensina André Luiz, no livro acima mencionado. (Pág. 23). Esse escritor, no livro citado, cap. V, nos fala de uma sessão de um tribunal de uma cidade dessas regiões purgatoriais, com riqueza de detalhes.

A cerimônia inicia-se com a entrada dos juízes assentados em andores conduzidos por dignatários precedidos por funcionários rigorosamente trajados à moda dos lictores da Roma antiga, carregando a simbólica machadinha (fascas) ao ombro, ladeados por servidores diversos, ao som do rufar dos tambores. Os juízes assentam-se no local apropriado e um deles abre os trabalhos com uma preleção, em que afirma que eles (os juízes) não punem e nem recompensam, pois cada um já se condenou ou recebeu a recompensa por si mesmo. Que a função dos juízes é a de selecionar e aplicar as penas ou absolver em lugar e tempo justos.

Materializam-se três entidades espirituais (seletores), uma das quais porta pequeno instrumento cristalino, que registra as condições morais de cada criatura e transmite os resultados aos seus auxiliares que anotam em folhas de papel. Nesse momento muitos procuram justificar-se, querendo inocentar-se, no que são desmascarados, porque o aparelho os retrata com fidelidade, revelando-lhes os crimes e as fraquezas que ainda alimentam. Realmente ninguém poderá enganar e nem escapar da justiça, através de algum expediente,

como acontece aqui na Terra.

No desenrolar do julgamento, cenas dramáticas ocorrem, como a de uma senhora que ao ser chamada pelo juiz, aproxima-se dele e tenta inocentar-se, mas como vê que é impossível mentir, acaba confessando que matou quatro filhinhos e o esposo. O juiz, então, afirma: “— Como libertar semelhante fera humana ao preço de rogativas e lágrimas?” “Não passa de uma loba, de uma loba, de uma loba...” Ao serem pronunciadas essas palavras, a infeliz foi alterando a fisionomia, até assemelhar-se ao animal evocado: “Entortou-se-lhe a boca, a cerviz curvou-se, espontânea, para a frente, os olhos alteraram-se, dentro das órbitas. Simiesca expressão revestiu-lhe o rosto.” Sob poderosa ação hipnótica o corpo perispiritual da ré obedeceu à ordem do terrível juiz. Outro que fora localizado no grupo dos sovinas, explica ao seletor (o operador do instrumento de captação mental) que não fora um usurário e sim um estudioso, cuja vida transcorrera entre livros e a pesquisa científica, sendo esclarecido que o homem que ajunta letras e livros, teorias e valores científicos, sem distribuí-los a benefício dos outros, é igual ao que amontoa moedas e objetos preciosos, sem ajudar a ninguém. A sentença é a mesma.

Uma pessoa que fora considerada caluniadora, porquanto se achava nesse grupo, exclama revoltada: — Fui honrado, bom chefe de família, honesto e digno, por que estou entre es-

tes infelizes? - Porque você inventou enfermidades para conseguir aposentadoria indevida - respondeu o seletor -, utilizando-se de funcionários subornáveis, obtendo descanso remunerado, durante 40 anos de sua existência terrestre, não fazendo outra coisa que dormir e conversar sem proveito.

E o chefe do trio de seletores que identificava os diversos grupos de pessoas, por afinidades de viciações e crimes, foi adiante em sua tarefa de desnudar os que julgavam escapar das punições que lhes eram impostas.

Findos os serviços, a cerimônia foi encerrada com a mesma imponência com que se iniciara, sob a angústia e desespero daqueles que foram punidos por esse estranho tribunal das esferas inferiores do mundo espiritual.

Quem escapa da justiça da Terra, não escapará da do plano espiritual, que não se deixa envolver pelo prestígio e verborragia daqueles que foram poderosos na Terra. Lá ninguém poderá esconder os crimes praticados, pois eles se apresentam ostensivamente em sua vestimenta perispiritual, tal qual um livro aberto.

JUSTIÇA DIVINA

“A liberdade é do tamanho da responsabilidade.”

Emmanuel

Uma das preocupações dos recém-desencarnados que ainda não se desvencilharam das concepções religiosas que admitem julgamentos no Tribunal Divino, como acontecem nos tribunais da Terra, é a de angústia em ver que o tempo passa e não são intimados para o julgamento. Eles ficam ansiosos à esperada sentença condenatória, porque todos, indistintamente, cometeram alguma falta grave. No entanto, nenhum oficial de Justiça lhes visita nem tampouco ouvem quem lhes fale sobre isso. Essa impaciência vai aumentando, aumentando, até que eles resolvem perguntar aos seus mentores a respeito da demora do julgamento, e ficam admirados ao saber que no plano espiritual não existem tribunais e nem juízes, a não ser nas zonas umbralinas mais inferiores, pois nós mesmos é que nos julgamos, à medida que vamos cometendo algum delito. Os nossos erros são automaticamente grafados em nosso corpo perispiritual e vamos sofrer, mais cedo ou mais tarde, as consequência de tais erros.

Os livros espíritas ensinam que somos nós mesmos que

escolhemos o que desejamos expiar na próxima reencarnação, com algumas exceções. São as dos Espíritos tenebrosos, que terão reencarnação compulsória em corpos deficientes, que funcionam como prisão, para que esses delinquentes não agravem ainda mais os seus crimes. É necessário esclarecer que iremos para o plano espiritual, que corresponda ao nosso estado evolutivo; portanto, alguns vão para as regiões abismais, outros para as umbralinas, mais ou menos densas, para a purgação imprescindível, até que um dia serão socorridos pelos caravaneiros do amor, para o tratamento e orientação que se fizerem necessários. E somente serão recolhidos aqueles que já se arrependeram de seus erros e aceitam a sua situação como instrumento corretivo. O arrependimento não quita os nossos débitos, mas é uma forma de reconciliar-nos com a Justiça Divina e com os nossos adversários, o que beneficia o arrependido, pois lhe traz harmonia física e psíquica. O arrependimento é uma forma de entrarmos em contato com os nossos credores e lhes expor a nossa intenção de saldarmos a dívida, embora seja parceladamente, ou seja, um pouco em cada reencarnação.

Pelo que se deduz de tais ensinamentos, vemos que Deus não perdoa nem condena ninguém, somos nós que acionamos o mecanismo da Lei. Se pusermos o dedo no fogo será queimado e sua recuperação será lenta e dolorosa.

O mesmo proceder verificamos com relação às tarefas que iremos desempenhar no plano espiritual. O serviço não nos é imposto pelos nossos mentores; eles aguardam a nossa iniciativa, que ocorrerá quando nos conscientizarmos da necessidade do trabalho, como a melhor terapia para os nossos males e como crédito que poderemos utilizar.

Essas revelações são da Doutrina Espírita e posteriores mensagens dos Espíritos, entre eles André Luiz, que nos diz o seguinte: “Deus é Eqüidade Soberana, não castiga nem perdoa, mas o ser consciente profere para si as sentenças de absolvição ou culpa ante as Leis Divinas.”

“Nossa conduta é o processo, nossa consciência o tribunal.” “O Espírito da Verdade,” edição FEB, psicografia de Waldo Vieira e F.C. Xavier.

OS SELVAGENS NA VIDA ESPIRITUAL

“Nestas regiões inferiores não transitam as almas simples, em qualquer aflição purgativa, situadas que se encontram nos erros naturais das experiências primárias.” André Luiz, Ação e Reação, cap. 1, ed. FEB.

Segundo nos ensina André Luiz, os selvagens não se a-

fastam das selvas quando deixam o corpo carnal. Eles reen-
carnam no mesmo ambiente, demorando-se pouco tempo na
erraticidade.

Não se poderia conceber que um Espírito ainda na infân-
cia da escalada evolutiva como ser humano, pudesse viver
nas mansões celestiais, por não se adaptar a esse meio, co-
mo também não poderia localizar-se nas regiões trevosas, não
tendo praticado nenhum ato condenável, pois não se trata de
pessoas que cometem crimes, cientes dos males que estão
praticando. O silvícola é igual a uma criança que não sabe di-
ferenciar o bem do mal. Para eles tudo é permitido, mesmo
porque ele mata apenas para alimentar-se, mesmo que seja
um ser humano (no caso dos canibais), enquanto que o civili-
zado mata os animais também como esporte. O selvagem
preserva a natureza, enquanto que o civilizado depreda e polui
tudo que estiver ao seu alcance, desde que esse ato signifique
enriquecimento.

André Luiz diz que o mesmo crime praticado por um sel-
vagem e um civilizado, tem penalidades diferentes. Aquele
não percebe a extensão maléfica de seus atos; este tem plena
noção do mal praticado. É por isso que nas zonas infernais
apenas residem aqueles que possuem discernimento para di-
ferençar o que é justo do que é injusto, mesmo porque a sua
própria condição mental o localiza nas regiões purgatoriais.

Os selvagens, como todos os seres, possuem a proteção espiritual, que os orienta e os conduz na escalada evolutiva, emigrando para as regiões civilizadas, quando alcançarem o necessário preparo intelectual para conviver com os chamados cidadãos. É como uma criança que já alcançou a puberdade e posteriormente, a maioridade legal.

Devemos excluir desses casos os denominados sub-humanos que habitam as regiões inferiores, porque estão em aprendizado, como um aluno que está fazendo um estágio; portanto, sujeito às vicissitudes próprias do serviço que executa, mas nunca como uma imposição que represente castigo. Estes, porém, não são silvícolas e sim Espíritos em transição para a condição humana. São os chamados anti-humanos, assim denominados por Kardec (LE, 607, 609 e 611).

Como vimos, portanto, os selvagens vivem uma vida fugaz na erraticidade, aguardando apenas a oportunidade do renascimento.

NOSSA CONVIVÊNCIA COM OS ESPÍRITOS

“Quantas horas tenho passado estendido no seu divã da sala, sem que a minha amiga suspeitasse”.

Cartas de um Morto Vivo — Elsa Barker, Ed.

LAKE.

Muitas pessoas acreditam que ao desencarnarem vão para o céu ou para o inferno. Os profíctentes do Espiritismo, que não se dedicam ao estudo, pensam que os maus vão para as regiões umbralinas mais densas e os bons para as colônias espirituais felizes, como a “Nosso Lar”. Na realidade, o problema é mais complexo, porque o destino dos desencarnados varia muito, não só nos planos espirituais, que são inúmeros, como também aqui na crosta, convivendo conosco, participando de nossas alegrias e tristezas. Muitos, inclusive, ficam contrariados quando os seus desejos não são postos em prática, sejam nos negócios ou nos problemas familiares. Alguns ajudam e outros atrapalham.

Temos que admitir que um parente que exigia que seus pontos de vista fossem aceitos, quando encarnado, continuará a querer que as suas opiniões sejam postas em prática, embora os encarnados não tenham tomado conhecimento das mesmas, por estarem noutra dimensão da vida. Muitos casos de obsessão podem ocorrer por esse motivo. E essa convivência constante e prolongada, de familiares não esclarecidos dos males que provocam e dos prejuízos que causam a si mesmos, retardam o encaminhamento desses infelizes para novas reencarnações, como também para o seu aprimoramento intelectual e moral, nas escolias dos planos espirituais.

Muito tempo é perdido em questões de somenos importância. Muitos casos há, em que uma pessoa ou um marido não se afasta do lar, enciumado pelo que o seu consorte possa fazer, no campo sentimental. Se o encarnado é jovem e pensa em casar novamente, o que é muito natural e sensato, então o caso se complica, porque o desencarnado fará tudo para que o consórcio não se realize. E se não conseguir o seu intento, então poderá partir para a desforra, transmitindo ao substituto o ódio que lhe incendeia a mente.

Poucos são aqueles que conseguem entender que o cônjuge encarnado deve unir-se a outra pessoa, para melhor enfrentar a romagem terrena, mormente se há filhos menores a exigir atenção e proteção. E esse sentimento de posse que o desencarnado continua a manter sobre o encarnado e os filhos, não só é prejudicial a todos, como também retarda o programa educativo do Espírito, com vistas a nova reencarnação.

André Luiz, em seu livro “Entre a Terra e o Céu”, edição FEB, conta-nos dramas desse tipo; entre eles um cujo protagonista é uma senhora desencarnada que não se conforma em aceitar a substituta, considerando-a uma intrusa, e como tal, objeto de represália. No mesmo livro há um outro caso em que o avô permanecia na casa da neta, há muito tempo, prisioneiro de idéias obsessivas, sem saber

exatamente o que lhe fazia manter imantado àquele lar. Ele tinha sido companheiro dessa neta em existência anterior, tendo vivido um pungente caso de amor frustrado. Com a intervenção da equipe de socorro, da qual fazia parte André Luiz, o problema foi solucionado. Esse mesmo escritor relata outro caso (“E a Vida Continua”, edição FEB) em que um Espírito permanecia na casa de sua ex-amante (encarnada), continuando a compartilhar do mesmo leito, como se não tivesse deixado o corpo carnal. Essa pessoa tinha sido assassinada pelo marido ultrajado, premeditadamente, numa caçada aos pássaros, para que o crime fosse considerado um acidente. O assassino ao visitar a ex-esposa, após o desencarne, ficou surpreso, ao deparar a vítima compartilhando do leito da sua ex-esposa. Eles se amavam, e o assassinato não conseguira separá-los.

Vemos por esses exemplos, que a morte não significa uma separação, como muitos julgam. Grande parte dos que deixam o corpo carnal continua convivendo com os seus amigos e inimigos, ajudando ou perturbando, sem falar daqueles que permanecem ociosamente refestelados nas poltronas e camas das moradias que não dispõem de proteção espiritual. E não há nisso nada de extraordinário, pois estamos num mundo de expiações e provas, daí a importância de um reto proceder, para que haja um ambiente harmônico e destarte

protegido contra a intromissão de Espíritos brincalhões e malfeitores, que pretendam transformar as nossas casas em locais de encontros das entidades trevas.

Quando uma família vive evangelicamente, os Espíritos protetores defendem o seu lar com uma barreira magnética, intransponível para os malfeitores do além-túmulo. Tal vivência evangélica também servirá de orientação e exemplo para aqueles que tenham autorização de penetrarem nesse lar, dando-lhes uma oportunidade de encontrarem a paz e o roteiro para a sua caminhada evolutiva.

Vemos, portanto, que influenciemos e somos influenciados, muito mais do que supomos, conforme nos ensina Kardec.

POSTOS DE SOCORRO NAS TREVAS

“— Somos hoje defrontados por grande tempestade magnética, e muitos caminheiros das regiões inferiores são arrebatados pelo furacão como folhas secas no vendaval.”

André Luiz, *Ação e Reação*, cap. I, ed. FEB.

Quando assistimos ao filme *Horizonte Perdido*, fizemos uma comparação com o gelo e a ventania que vergastava os sobreviventes do avião sinistrado, e a paz e harmonia do mos-

teiro que asilava os sobreviventes, amorosamente. O interior do templo e as adjacências eram o céu, e o exterior dessa área, de gelo e ventos sibilante, era o inferno. Esse contraste chocante é bem parecido com o que é descrito por André Luiz no livro “Ação e Reação”, cap. I, edição FEB, no qual ele fala sobre a ventania ululante que açoitava a “Mansão Paz”, posto de socorro situado nas regiões mais pavorosas do umbral inferior.

Através da janela de material transparente dessa mansão, via-se uma quantidade enorme de criaturas jungidas umas às outras, vociferando maldições e gemidos de causar piedade aos mais endurecidos de coração. Agarravam-se uns aos outros, instintivamente, para melhor defenderem-se da tempestade magnética que devastava essa região, carregando consigo lama escura em torvelinho estranho, como se fosse uma treva encachoeirada.

A natureza como que respondia na mesma altura à ira desse povo revoltado que vivia sem destino nessa gleba hostil. Aliás, os fluidos circundantes respondem aos pensamentos, pois são alterados segundo aquilo que pensamos. As trevas deixarão de existir no momento em que os Espíritos revoltados forem transferidos desse local ou se modificarem, emitindo pensamentos harmoniosos. Se as construções espirituais são produto da ação mental, não é de se estranhar que as tre-

vas ou a luz sejam o resultado dos pensamentos maus ou bons dos Espíritos que habitam o plano espiritual, ampliados pelos dos encarnados. Os próprios pensamentos, inclusive, refletem-se na própria fisionomia de quem os emite. E disto temos prova aqui mesmo entre os encarnados. Quem tem um reto proceder, sempre voltado para o bem, emitindo pensamentos puros, retrata essa harmonia no semblante, enquanto que aqueles que estão irritados têm o rosto contraído, os olhos vermelhos e inchados pela pressão exercida sobre os vasos sanguíneos. É fácil identificar quem está em paz ou em desequilíbrio. A turbulência ou a calma interior é detetada com facilidade por qualquer pessoa. É natural, portanto, que as trevas que envolvem este mundo de provas e expiações seja produto dos pensamentos de milhões de criaturas desesperadas, que alimentam essas trevas, enquanto assim procederem.

Indagado por Hilário (o companheiro de André Luiz) porque a mansão não abria as portas a esses sofredores, o diretor respondeu que seria o mesmo que “asilar tigres desarvorados entre fiéis que oram num templo”, acrescentando que a “salvação só é realmente importante para aqueles que desejam salvar-se.”

Os caravaneiros dessa cidadela de amparo aos que já se arrependeram dos erros cometidos e procuram modificar o

seu procedimento, identificam os que podem ser recolhidos, pelos próprios pensamentos que emitem. Nós somos, na realidade, aquilo que pensamos. Assim sendo, os socorristas não se enganam ao amparar este ou aquele que demonstra pelas suas próprias condições perispirituais, a sua disposição interior. Não é necessário fazer qualquer interrogatório, porque o próprio Espírito denuncia a sua conduta, pelos pensamentos que emite.

A “Mansão Paz” surgiu há 300 anos, como posto de socorro subordinado ao governo de “Nosso Lar”, e é um nosocômio e escola que presta socorro e dá orientação, como também prepara os futuros reencarnantes. Nessa instituição, onde os Espíritos têm a oportunidade de trabalhar e aprender as sábias lições de Jesus, eles desenvolvem uma tarefa socorrista de imensas proporções.

Nesse posto avançado de socorro aos desesperados que perambulam pelas trevas, muitos seareiros do bem encontram os entes queridos que vagueiam aflitos, ocorrendo, então, cenas de grande júbilo. É impossível descrever esses momentos emocionantes, de dois Espíritos que aguardam ansiosamente essa oportunidade, que muitas vezes levam dezenas ou centenas de anos. Como também aqueles em que uma vítima do passado é ansiosamente procurada pelo réu arrependido e que, pelos anos de sacrifícios, consegue

reencontrar e ajudar aquele que lesou, seja qual for o crime praticado.

Ninguém consegue, realmente, elevar-se aos planos superiores, sem quitar-se com a retaguarda. É por isso que alguns Espíritos, embora tenham progredido muito desempenham tarefas sacrificiais nas zonas trevas, na ânsia de encontrar e ajudar aqueles que tenham prejudicado, mesmo que seja num passado remoto. Porque, de fato, os crimes que praticaram, continuam como mancha a denunciar a falta cometida, e somente com a reparação do erro, é que o tribunal da consciência arquiva o processo em definitivo.

Poucos avaliam a complexidade dos problemas que causam, ao cometerem um delito. Se conhecessem melhor a extensão do mal que praticam, refreariam os seus ímpetos animalescos e tornar-se-iam mais humildes e menos orgulhosos, deixando de verter lágrimas no futuro.

Esses postos de socorro nas trevas, como farol da presença da bondade divina, através dos seareiros do bem, não só auxiliam os que já se arrependeram dos males cometidos, como também orientam e preparam esses tutelados para melhor aproveitamento das novas experiências na romagem terrena. Será que nós, os pupilos de outrora, estamos cumprindo as promessas que fizemos a esses bondosos benfeitores?

ESPIRITOS BELIGERANTES

“Ameaçavam os vigilantes e atiravam petardos que, felizmente, não ultrapassavam as ondas repelentes que se elevavam acima dos muros, exteriorizadas por aparelhagem própria, que faziam recordar os transformadores terrestres, colocados sobre colunas espalhadas, em distância regular uma das outras, que circundavam toda a área.”

Nas Fronteiras da Loucura, cap. 7, ed. LEAL Manoel P. de Miranda — Divaldo P. Franco (Médium)

A população terráquea (hoje) não é de 4,5 bilhões de habitantes e sim, 24,5 bilhões, além de alguns bilhões de sub-humanos, se considerarmos a população espiritual que está intimamente ligada à encarnada, segundo Emmanuel (Roteiro, cap. 9, edição FEB). E como a população espiritual é constituída daqueles que desencarnaram e vice-versa, não resta dúvida de que se aqui existem violências de todos os tipos, o

mesmo ocorra no plano espiritual inferior, também conhecido como região trevosa. Assim sendo, lá também existem guerras por conquista de territórios, dirigidas por belicistas que empregam armas que causam sofrimentos atrozes, embora os Espíritos não morram.

André Luiz, no livro “Ação e Reação”, cap. I, edição FEB, fala do ataque de vasto grupo de entidades malfeitoras, que desejavam o deslocamento da “Mansão Paz” para outro local, a fim de senhorearem a região.

Para forçar essa mudança da instituição socorrista, essas belicosas criaturas lançavam mão de canhões de bombardeio eletrônico, cujos raios continham princípios de flagelação, que causavam pavor e loucura em todos que fossem atingidos. Para se defender desses ataques, a mansão dispunha de uma barreira de hastes metálicas, semelhantes a pára-raios, que cercavam toda a cidadela, funcionando como exaustores dos milhares de projéteis que alcançassem a barreira defensiva. Quando isso acontecia, ouviam-se estalidos secos, que infundiam pavorosa impressão aos que ainda não tinham passado por essa experiência.

Esses ataques à mansão ocorriam com freqüência, com o intuito de desanimarem os benfeitores espirituais, para que abandonassem o trabalho socorrista naquelas paragens umbrais, impedindo, com isso, que houvesse o resgate de

muitos Espíritos arrependidos e já propensos ao bem. Aliás, no livro “Nas Fronteiras da Loucura” acima mencionado, também o problema é focalizado, demonstrando que essas agressões dos Espíritos, procurando impedir o trabalho socorrista dos benfeitores espirituais é uma realidade insofismável.

Muitos poderão estranhar que haja guerras no plano espiritual, mas isso é natural, pois se há permissão para que isso aconteça aqui na crosta, porque seria diferente no mundo espiritual? Deus não intervém no livre arbítrio de ninguém, porque é sofrendo que os homens aprendem a discernir o certo do errado. Na questão 744 de O Livro dos Espíritos, ao responder a pergunta: “Qual teria sido o fito da Providência ao tornar a guerra necessária?”, os Espíritos disseram: “A liberdade e o progresso”.

No caso mencionado por André Luiz, a mansão não atacava e sim defendia-se de uma agressão. Há em outros livros do mesmo André Luiz, casos semelhantes. Num deles há menção de projéteis magnéticos que adormecem os invasores, até que os atritos cessem por completo, mas sempre no direito da ordem e da defesa da liberdade.

Onde há Espíritos inferiores, sejam encarnados ou desencarnados, as agressões de todos os tipos e dimensões acontecem, seja individual ou coletivamente. Não é só na crosta terráquea, portanto, que ocorrem lutas com armas

modernas, mas também no mundo espiritual, denominado umbral inferior.

Para se acabar com as guerras e conflitos menores, é necessário que o homem se conscientize de que a violência gera violência e que desta maneira nunca estará livre de perigo, porque sempre haverá um inimigo aguardando uma oportunidade para desforra. Somente o amor poderá dar ao homem, encarnado ou desencarnado, a paz e a harmonia de que necessita para viver tranqüilo e feliz, seja neste ou no mundo espiritual.

SEMELHANÇAS ENTRE ESTA E A VIDA ESPIRITUAL

Quanto mais lemos sobre a vida espiritual, mais nos conscientizamos de que essa vida é semelhante a nossa; não teremos muitas surpresas, quando lá chegarmos! Se não, vejamos: lá, como aqui, temos as mesmas necessidades fisiológicas — come-se, bebe-se, respira-se, etc.; lá, como aqui, estuda-se, trabalha-se, diverte-se; lá, como aqui, cultivam-se a pintura, a escultura, a música, o canto, etc.; lá, como aqui, as pessoas namoram, casam, têm vida social, etc.; lá, como aqui, há os doentes, angustiados, desiludidos, segundo a região purgatorial em que vivam; lá, como aqui, existem as mais variadas religiões, segundo os ideais que possuíam quando en-

carnados; lá, como aqui, existem instrumentos, máquinas, veículos, aparelhos de TV e sonoros, para facilitar a comunicação, o estudo, o trabalho e a diversão; lá, como aqui, existem locais de sofrimento e de alegria, segundo o estado evolutivo de cada pessoa; lá, como aqui, existem rios, lagos, florestas, etc.

Há, entretanto, algumas diferenças, entre elas, as seguintes: lá não existe comércio, porque todos têm as mercadorias de que necessitam, retirando-as dos depósitos, que abastecem a população do local em que vivem; lá não existem guerras, revoluções ou qualquer tipo de agressão, o que exclui a necessidade de policiamento e de exército, mesmo porque lá não existem fronteiras, a não ser as vibratórias, que limitam as esferas; lá, embora existam casamentos, não há procriação, por que isto só ocorre entre os encarnados; lá não existe poluição química, sonora ou de qualquer outra espécie, por se tratar de um mundo íluídico, onde não se manipulam produtos químicos nem se utilizam máquinas ou veículos barulhentos, pois são movidos por energia magnética.

É evidente que estamos comentando das colônias espirituais, tendo como ponto de referência o livro sobre a cidade “Nosso Lar” e outras semelhantes, para onde vão a maioria das pessoas que já tenham algumas condições morais, segundo os padrões da nossa civilização terráquea,

porque os criminosos, os ladrões, os fazedores de guerras, os imorais enfim, irão para as regiões tenebrosas, onde os sofrimentos superam em muito, tudo aquilo que conhecemos aqui na Terra. É óbvio, também, que existam esferas superiores, para onde vão aqueles que na Terra desenvolveram missões importantes no campo da ciência, da filosofia ou das artes, desde que qualquer uma dessas atividades esteja voltada para o bem da humanidade, sejam eliminando os sofrimentos ou facilitando o trabalho dos homens, revelando-lhes novas verdades ou alegrando (através das artes) esta sofrida população terrícola, ainda tão ignorante.

Desde as regiões abismais (onde os sofrimentos são inenarráveis) até os planos superiores (onde a felicidade é impossível de se descrever), variam ao infinito as condições vivenciais, sem contudo deixar de haver algo em comum, tais como alimentar, trabalhar, estudar, divertir, etc.

Amar, pelo prazer de estarem juntos, permutando energias (vibrações compensadas, como ensina Emmanuel) e conhecimentos; alimentar, absorvendo os fluidos puros; trabalhar, criando melhores condições de vida; estudar, procurando outras facetas da verdade absoluta; divertir, ver, ouvir e sentir as maravilhas que os nossos cinco sentidos ainda não conseguem perceber.

Estes são alguns dos ensinamentos que a Doutrina Espírita nos transmite sobre esse assunto, outros virão à medida que a humanidade for evoluindo, e destarte, capacitando-se para melhor compreendê-las; ensinamentos que nos preparam para uma vida melhor, quando regressarmos às esferas espirituais, libertos dos grilhões da carne.

UNIVERSIDADES ESPIRITUAIS

“Um curso superior e atraente de Filosofia e Análise comparada foi por nós iniciado, então.”

Memórias de um Suicida -Yvonne A. Pereira -
pág. 442 - edição FEB.

Quando assistíamos, pela TV, ao seriado que utilizava a máquina do tempo para projetar as pessoas no passado ou no futuro, fazendo-as viver ou reviver as emoções de outros tempos, não poderíamos imaginar que essa ficção fosse uma realidade no plano espiritual, fazendo com que os Espíritos retornassem a viver experiências, mesmo de um passado bem remoto.

No referido livro, o autor nos fala a respeito de uma grande universidade, sediada na cidade espiritual denominada “Esperança”, na qual permaneceu durante muitos anos, após

sofrida purgação no Vale dos Suicidas.

Nessa universidade, com muito mais recursos do que as da crosta terráquea, as aulas de moral cristã são ministradas por um professor que se vale dos registros das ondas luminosas do éter ou seja, dos arquivos do infinito, para relembrar, em cenas vivas, os ensinamentos de Jesus de Nazaré. É a revivência da passagem desse mestre amável, transmitindo as suas lições imorredouras, muitas das quais desconhecemos, porque foram rejeitadas pela ignorância presunçosa dos homens !

O professor que ministrou as aulas sobre Moral Cristã, tinha sido um dos alunos do próprio Jesus, quando ele nos trouxe a Boa Nova, há dois milênios.

Ao iniciar a aula, ele colocou sobre a cabeça um diadema de luz, ligando-o a uma tela espelhenta por fios argênteos, que apresentava paisagens e sonoridade dos acontecimentos que iam sendo relatados. As aulas de moral cristã precederam às demais em dois anos, o que vem demonstrar que devemos primeiro estar moralizados, para depois enveredarmos pelo caminho da ciência, porque um cientista sem moral, poderá causar muitos males à humanidade, construindo instrumentos de destruição. Mesmo em outras áreas do conhecimento, se a pessoa não tiver moral, somente problemas poderá causar à sociedade, desvirtuando o objetivo maior, que é o da evolução

espiritual.

Nas aulas práticas, os alunos, para saberem das causas que motivaram os dramas que viveram no corpo carnal, também utilizam-se desse método educativo, isto é, de reviverem as vidas transatas, nas quais cometeram os desatinos que resultaram nos sofrimentos em posteriores existências reencarnatórias. Aliás, Ernesto Bozzano, em seu livro “Os Enigmas da Psicometria”, edição FEB, também fala a respeito dos registros no éter, de todos os acontecimentos ocorridos no mundo, desde a aurora dos tempos.

No curso sobre a formação do planeta, os alunos tinham a possibilidade de acompanhar todo o seu desenvolvimento, como se fosse ao vivo, acompanhando as transformações pelas quais o globo passou. Eram aulas de geologia, arqueologia, geografia, topografia que se sucediam, sem nada omitir. Aliás, as matérias ministradas nessa universidade, constituíam-se de Moral Cristã, Filosofia, Ciência, Psicologia, Pedagogia, Cosmogonia e até um idioma novo, que é o Esperanto. (1).

“Uma só língua, uma só bandeira, um só pastor!” Essa é a meta de todos os que almejam um mundo de paz e amor que é a condição de que necessita a Terra para transformar-se em mundo de “regeneração”, objetivo a atingir fatalmente, no transcorrer do terceiro milênio.

(1) Ler também o último capítulo do livro de Celso Martins e Antonio F. Rodrigues “Na Rota do Ano 2.000”, edição da ABC do Interior.

O Esperanto, portanto, é a única língua extra que se ensina nessa universidade, como mais um meio de irmanar as criaturas, não só no mundo espiritual, como também no dos encarnados.

Alguns alunos, mesmo sabendo que terão que pôr em prática os seus conhecimentos, reencarnando-se, vão protelando essas provas ou expiações, chegando mesmo a ficar algumas décadas nessas escolas da espiritualidade; mas, um dia, resolvem enfrentar o inevitável, pois do contrário, estarão atrasando a sua evolução, não resgatando os seus débitos na romagem terrena.

O ensino nas escolas espirituais dispõe de muitos recursos, não só quanto aos aparelhos, inexistentes na Terra, como também de livros que relatam fielmente os acontecimentos históricos, sem as distorções impostas pelos poderosos da época, para alimentarem a sua vaidade.

Como é óbvio, todos os que estão capacitados para frequentar as aulas, serão matriculados, independentemente de qualquer pagamento ou limite de vagas. Lá não prevalece a posição social do candidato, mas sim os seus méritos e condições intelectuais.

O domingo é consagrado ao repouso semanal, dedicado ao lazer. É natural que os Espíritos mais elevados não descansem, pois quanto mais evoluídos mais ativos são.

Muitos poderão estranhar que os desencarnados obedeçam um calendário como os encarnados, mas esse costume persiste, porque ainda estão presos aos hábitos que tinham na Terra, com exceção dos dirigentes dessas cidades. A maioria, entretanto, ainda necessita de descanso, devido à grande densidade dos seus corpos perispirituais, o que não acontece com os Espíritos superiores, que possuem corpos mais sutis.

Os professores lecionam por amor à causa que abraçaram e porque necessitam de estudar para mais transmitir conhecimentos e com isto mais se aproximam da condição de Espíritos puros, objetivo maior de todas as criaturas que estão conscientes dessa verdade. Quando atingirem essa categoria, serão ministros de Deus.

OS ESPÍRITOS E AS ARTES

“A música (música celeste) possui infinitos encantos para os Espíritos, por terem eles muito desenvolvidas as qualidades sensitivas.” (Allan Kardec — “O Livro dos Espíritos”, item 251).

Existem pessoas que acreditam que a vida dos Espíritos bons se restrinja em ficar em perpétua louvação a Deus ou em ouvir o som das harpas manejadas pelos anjos do Senhor! Na realidade quanto mais elevados são os Espíritos mais se dedicam ao trabalho. Mas isso não significa, que eles não se dediquem aos estudos, às artes e ao lazer. O descanso, quando é utilizado em ouvir boa música, contemplar belos quadros e esculturas ou ler bons livros, também propicia um refazimento de energias gastas. O corpo perispiritual, embora seja fluídico também é material e destarte necessita de descanso, mormente nos casos dos mais inferiores. Assim sendo, é natural que as pessoas procurem pinacotecas, teatros e bibliotecas, segundo a sua inclinação, para algumas horas agradáveis, harmonizando-se física e psiquicamente.

As reuniões sociais nos planos espirituais, também são abrilhantadas por números musicais e de canto, conforme nos dá um exemplo André Luiz (“Os Mensageiros”, cap. 31, edição FEB), em que uma jovem toca ao órgão composições conhecidas na Terra, mas também algumas partituras desconhecidas pelos encarnados; partituras essas de tal harmonia, que causam momentos emocionantes. Devemos lembrar que os instrumentos que eles possuem dispõem de mais recursos, de escala cromática mais ampla. São os instrumentos que produzem as músicas celestiais, que desconhecemos por não

dispormos das partituras e nem dos instrumentos adequados.

Nas regiões inferiores, entretanto, a música é muito pobre: “Música exótica fazia-se ouvir não distante” (André Luiz — “Libertação”, FEB).

A música que aqui conhecemos, conforme nos ensina Rossini (Espírito), é a médium da harmonia. “A harmonia não é a música, assim como a chama não é a luz” (Allan Kardec — “Obras Póstumas”).

No livro “A Vida Além do Véu”, de G. Vale Owen, edição FEB, um dos Espíritos que ditou essa obra fala-nos de uma região espiritual em que a música está no ar. A harmonia é uma vibração do éter, que pode ser provocada pela ação material dos Espíritos que dominam essa arte sublime.

Na pintura (“Os Mensageiros”, cap. 16. FEB) o autor nos fala de telas de tanta perfeição e técnica, que parece que possuem vida. As cores são mais ricas, algumas desconhecidas neste mundo terráqueo, devido a nossa limitação visual: a luminosidade como também o relevo e as dimensões em que são apresentadas superam a tudo que conhecemos, aqui na crosta, ainda limitados às três dimensões (comprimento, largura e altura).

Quando os Espíritos construtores (técnicos especializados) constróem um edifício, manipulando os fluidos do próprio local, através do poder mental, podem recorrer a escultores

para elaborarem as peças mais delicadas, que ornamentarão o interior desse edifício. Assim como temos aqui na Terra os pedreiros, eletricitas, pintores e os das obras hidráulicas, é óbvio que no plano espiritual, também, existam os especialistas nas diversas modalidades, embora alguns possam construir uma obra completa, sem depender de auxiliares.

Os monumentos, as estátuas, as estatuetas e esculturas diversas são produzidos pelo poder mental, assim como tudo de que se necessite, na vida espiritual. As pessoas, que se dedicam a esse trabalho, devem conhecer bem o serviço que executam, porque em primeiro lugar devem visualizá-lo no pensamento, para depois concretizá-lo materialmente, no local determinado.

Se tudo é uma criação mental, utilizando-se os fluidos para que essa criação se torne realidade, as artes no plano espiritual (escultura, pintura, desenho, gravura, etc.), dependem, principalmente, do gênio criativo do artista. E um gênio não se faz com alguns anos de escola, mas com muita dedicação e amor, em algumas centenas ou milhares de anos.

RENDAS E PROPRIEDADES NA VIDA ESPIRITUAL

“As construções em geral representam patrimônio comum, sob controle da Governadoria,

cada família espiritual, porém, pode conquistar um lar (nunca mais que um), apresentando trinta mil bônus-hora, o que se pode conseguir com algum tempo de serviço.” André Luiz — Nosso Lar, pág. 115 — edição FEB

A verdadeira propriedade, quer seja como encarnados ou desencarnados, é a conquista intelectual e moral, porque as materiais não nos acompanham quando mudarmos de plano, nos dois sentidos: quando encarnamos e desencarnamos. Entretanto, as aquisições, dentro das necessidades, são indispensáveis, sejam como abrigo ou utilidades domésticas.

Para quem sabe aproveitar o tempo, utilizando-o nas conquistas espirituais, quando encarnado, é importante ocupar o período noturno, no desdobramento pelo sono, em atividades nos planos espirituais, sejam eles quais forem. Assim é que muitos, ao desencarnarem, já poderão contar com uma residência à sua espera, bem como com a possibilidade de continuar com a tarefa que executava durante o período do sono, sem solução de continuidade. É natural que tanto aqui como no plano espiritual, exista período de repouso, segundo as nossas condições evolutivas. A exemplo do que ocorre aqui na Terra, em que temos normalmente oito horas diárias de trabalho, no plano espiritual também acontece

o mesmo, inclusive no que se refere às horas extras. E essa remuneração poderá ser utilizada na obtenção de propriedades, como também de coisas de uso e consumo, tais como roupas e alimentos, livros e utilidades diversas, bem como ingressos nos parques de diversões ou de outras áreas de lazer.

Em se tratando dos diferentes tipos de trabalhos, também o valor do bônus hora é valorizado. Um exemplo: cuidar de crianças conta em dobro as horas trabalhadas; execução de serviços nos diferentes ministérios (no caso da cidade “Nosso Lar”), também varia segundo o ministério em que trabalhar.

Na vida espiritual a obtenção de rendas só se dá através do trabalho assalariado e nunca como mercancia ou qualquer tipo de especulação ou jogatina. Não há, também, possibilidades de alguém se apropriar de propriedades, objetos ou bônus-hora, mesmo porque ninguém pode ser desalojado de sua casa ou se apoderar da ficha de crédito; no primeiro caso, porque todos possuem casa para morar, seja sua ou do patrimônio comum da cidade; no segundo, porque é controlada pelo órgão expedidor.

Como vimos, a propriedade é transitória, porque ao reencarnar o Espírito terá que deixá-la aos herdeiros ou ao patrimônio comum da cidade; todavia, o Espírito reencarnante poderá utilizá-la durante o período do sono, em desdo-

bramento, ao visitar os herdeiros que a ocupam. Quanto ao bônus-hora, o reencarnado poderá também usá-los em benefício de terceiros. Enfim, a propriedade no plano espiritual é uma realidade, mas tem sempre uma finalidade útil e não como acontece entre os encarnados em que há casos de luxo desmedido, apenas para ostentação e prestígio social.

É natural que estamos nos referindo aos planos mais adiantados, porquanto nas regiões umbralinas mais densas ou abismais nada disso existe, porque esses planos são desprovidos de quaisquer benfeitorias ou locais de asilo para os infelizes que perambulam por essas regiões, até que possam ser recolhidos aos postos de socorro das imediações, pelos caravaneiros dos planos maiores. Nesses postos há atendimento temporário como o próprio nome indica, até que os enfermos e perturbados sejam encaminhados aos hospitais das colônias devidamente aparelhadas para esse fim.

As construções e quaisquer objetos ou utensílios são fabricados por técnicos, utilizando-se dos fluidos cósmicos, pelo poder mental. São profissionais especializados nas mais diversas atividades industriais.

É evidente que uma pessoa ao desencarnar, não vai se apresentar nua e sim com a roupa fluídica semelhante àquela que freqüentemente usava, mas também essa criatura poderá adquirir novas vestes, segundo as variedades que mais lhe

agradar, desde que disponha dos bônus-hora para esse fim. O Irmão Jacob (Voltei, pág. 47, edição FEB), logo após o seu desencarne, foi presenteado por Bezerra de Menezes com um costume cinza, muito semelhante aos que preferia no verão, quando encarnado, em substituição ao vasto roupão claro, de convalescente, que estava usando. Se o costume cinza fora trazido por Bezerra de Menezes, demonstra que ele não foi criado no local e sim obtido em algum lugar, mediante bônus-hora ou com os recursos do próprio desencarnante, que se achavam creditados em seu nome.

Yvonne A. Pereira, em seu livro “Recordações da Mediunidade”, pág. 131, edição FEB, também nos fala das criações mentais por parte de um Espírito de pouca instrução, que julgava estar ainda encarnado, que conseguiu reproduzir no plano espiritual, no próprio local em que vivera, a chácara da qual se valera enquanto encarnado. Ela constituía-se de um casebre de tijolo cru, coberto de telhas e plantações de hortaliças e ervilhas. Era tão real que a própria Yvonne, em desdobramento, ajudou o Espírito que ali vivia a amarrar as ervilhas às estacas, com tiras de “imbira”. Dois ou três galos de briga, tipo chinês, ciscavam e cacarejavam à procura de alimento, dando mais vida àquela criação mental.

Isso vem demonstrar que o poder mental é força criadora, ao ponto de reproduzir todo um ambiente que existia na mente

do criador, mesmo ignorante, mas com grande poder criativo.

Como vimos, aqueles que não possuem capacidade mental para criar, poderão obter o que desejam, dentro das necessidades, com horas de serviço, sejam normais ou extras.

ANIMAIS NA ERRATICIDADE

“A alma do animal, sobrevivendo ao corpo, fica num estado errante, como a do homem após a morte? — Fica numa espécie de erraticidade, pois não está unida a um corpo.” O Livro dos Espíritos, item 600.

Gabriel Delanne (1) informa que uma sonâmbula, em transe, respondia algumas perguntas, quando um assistente dos trabalhos esmaga com o pé uma aranha que passava pelo assoalho da sala de sessão, tendo a sonâmbula dito que estava vendo o Espírito da aranha evolir-se. O dirigente então pergunta-lhe qual a forma do Espírito, obtendo a resposta de que era a mesma da aranha.

Esta prova da existência dos animais nos planos espirituais é confirmada pelos videntes, em inúmeras ocasiões. O próprio Delanne, no mesmo livro, também afirma que não é possível a existência do corpo carnal sem a presença do elemento perispiritual. É este que modela e anima o corpo carnal,

por intermédio do fluido vital. Contudo, os que mais falam sobre a existência dos animais na vida espiritual, como é óbvio, são os Espíritos, principalmente André Luiz. Em diversas ocasiões ele nos informa que na vida espiritual existem animais de várias espécies, inclusive algumas desconhecidas no planeta em que vivemos, como o caso dos íbis viajores (2), que acompanham as missões socorristas às regiões umbralinas mais densas. Eles são a vanguarda dessas caravanas; voando à pequena altura, devoram as formas mentais odiosas e perversas, entrando em luta franca com as trevas umbralinas. E não há nesta informação nenhuma incoerência, pois se os Espíritos se alimentam de fluidos, por que essas aves espirituais não podem se alimentar das formas mentais que também são condensações fluídicas, embora mais densas?

As caravanas socorristas utilizam-se de carros, formato diligência, tirados por muares semelhantes aos terrestres, precedidos de matilhas de cães (3). Esses cães afastam quaisquer Espíritos inferiores que pretendam atacar essas caravanas.

Como os animais variam segundo os planos, assim como na Terra os peixes vivem nos rios e os tigres nas florestas, nas regiões mais inferiores, os animais ferozes atacam quando se acham ameaçados por algum inimigo. É o instinto

de conservação. André Luiz (4) nos fala a respeito de um ataque de leões e panteras à “Casa de Fabiano”, quando a região em que ela se localizava, estava para ser atingida por uma tempestade elétrica, denominada “Fogo Purificador”. A diretora da casa teve que se utilizar das baterias que lançam farpas elétricas, para afugentar esses felinos, bem como outros animais enfurecidos, que procuravam um refúgio para se defender do fogo devastador.

Assim como na Terra, também no plano espiritual a fauna é variada e abundante. Há diferentes tipos de animais, alguns monstruosos, inexistentes na Terra, que o instrutor Aniceto não permitiu que André Luiz descrevesse em seu livro (5), a fim de não criar imagens mentais de ordem inferior.

Nos planos superiores o canto e a plumagem dos pássaros são indescritíveis, tal é a harmonia e a beleza desses seres alados, segundo os Espíritos que tiveram a ventura de visitar essas regiões mais elevadas. E nisso não há nenhuma contradição; a de existirem animais em planos em que os Espíritos inferiores não podem habitar! Não acontece o mesmo nos planetas mais adiantados, como Júpiter, no qual ainda não podemos habitar, devido a nossa imperfeição? No entanto lá também existem animais, não obstante serem mais evoluídos que os da Terra [6]. Nesse planeta os animais executam serviços, como se fossem operários, embora não

recebam salários e nem sejam livres, porque estão ligados a uma família particular.

No plano espiritual, os animais também trabalham, quando se trata de regiões organizadas, como acontece aqui na Terra, com os animais domésticos. No que tange aos selvagens, a dor os impulsionará na senda evolutiva.

Na questão 601 do Livro dos Espíritos, o responsável pela resposta diz que nos mundos superiores, também os animais são superiores aos que temos aqui na Terra, mas sempre inferiores aos homens, seja qual for o estado evolutivo desses homens. Devemos lembrar que o princípio inteligente que anima um irracional, quando atingir o mais alto grau da espécie animal, que se presume seja o macaco, possivelmente o chimpanzé, deverá ao desencarnar, passar por uma transformação para um estado denominado de ante-humano e em seguida, sem precisar o número de anos, entrar no período de humanidade (item 611-LE).

Emmanuel (7) diz que existem bilhões de inteligências sub-humanas no plano espiritual adjacente à Terra, além de mais de vinte bilhões de Espíritos.

Como vimos, os animais também evoluem, seja de espécie para espécie, seja do animal para o homem, conforme nos ensinam os Espíritos (540-LE): “É assim que tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcan-

jo, pois ele mesmo começou pelo átomo. Admirável lei de harmonia, de que o vosso Espírito limitado ainda não pode abranger o conjunto!” E esta revelação é aceita por todos os espíritas de escol, inclusive o mestre Léon Denis, quando em magistral síntese exclamou: “Na planta, a inteligência dormita: no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente”: O Problema do Ser, do Destino e da Dor — pág. 123 — 10.^a edição FEB.

BIBLIOGRAFIA:

- (1) A Evolução Anímica, pág. 8, 4.a edição FEB.
- (2) Nosso Lar, pág. 184, 25.a edição FEB.
- (3) Idem idem, pág. 183.
- (4) Obreiros da Vida Eterna, pág. 61, 12.a edição FEB.
- (5) Os Mensageiros, pág. 176, 14.a edição FEB.
- (6) Revista Espírita, ano 1858, págs. 116/7, Edicel.
- (7) Roteiro, pág. 43, 3.a edição FEB.

ESFERAS ESPIRITUAIS

“Lendo André Luiz, quando descreve a segunda e a terceira esferas, percebemos que,

em ambas, há chão firme, sólido, terra fértil que se cobre de vegetação. Se assim é, fácil é perceber-se que, para seus habitantes, nós estamos vivendo no interior da Terra”.

Cidade no Além — Heigorina Cunha e F. C. Xavier Espíritos Lucius e André Luiz.

O mundo espiritual é vastíssimo, incomensurável, não limitado como os planetas, a exemplo da Terra que tem uma superfície delimitada (510.101.000 Km²).

A Terra é quase uniforme nas suas condições físicas, enquanto que o mundo espiritual é variadíssimo, pois segundo as informações dos Espíritos, as esferas se sobrepõem umas às outras, a partir da crosta terráquea, e as mais afastadas se misturam com as dos planetas mais próximos. Entretanto, podemos afirmar pelo que se deduz dessas revelações, que quanto mais afastada do planeta, mais sutis são essas esferas (moradias espirituais).

Tais afirmações são lógicas, porque quanto mais elevado é o Espírito, mais quintessenciado é o seu corpo perispiritual, até deixar de existir (1) Quando isto ocorre, o Espírito se manifesta como um centro irradiante, identificável apenas para os do mesmo grau evolutivo; todavia, eles podem se valer dos fluídos e se apresentarem como eram conhecidos na Terra.

No livro Voltei (Irmão Jacob / F. C. Xavier), menciona-se o caso de Bittencourt Sampaio, que se manifesta (no plano espiritual) como uma estrela cintilante, que depois se materializa, utilizando-se dos fluídos de cem médiuns, que se encontravam no local para esse fim.

Ernesto Bozzano (1) também diz, que os Espíritos puros podem conhecer o passado e o futuro, assim como podem estar, instantaneamente, em qualquer parte do Universo. Para esses Espíritos não existem as limitações do tempo e do espaço.

As sete esferas mencionadas no livro "Cidade no Além" são as seguintes, a partir da crosta: Umbral grosso, Umbral médio, Umbral (onde está localizada a cidade espiritual Nosso Lar), Arte em geral ou Cultura e Ciência, Amor Fraternal Universal, Diretrizes do Planeta.

Existem outras, mas não são mencionadas.

Além dessas esferas externas, em relação à Terra, há também a região abismal, no subsolo, conforme ensinam os livros: O Abismo (R. Ranieri) e Nas Fronteiras da Loucura (Divaldo P. Franco / Manoel P. de Miranda).

Muitos poderão estranhar que, as entranhas da Terra sejam habitadas por Espíritos, mas devemos lembrar que eles possuem um corpo fluídico, que a barreira física da Terra não lhes

oferece obstáculos, embora os moradores dessa região possuam um corpo perispiritual mais denso, porque são os mais inferiores moralmente, inclusive.

(1) A Crise da Morte — Ernesto Bozzano.

PEQUENO VOCABULÁRIO DE TERMOS USADOS NO ESPIRITISMO

ALMA — Parte imaterial dos seres vivos; princípio inteligente, ser imaterial e individual que em nós reside e sobrevive. A alma quando desencarnada denomina-se Espírito. Quando encarnado, o Espírito se chama alma.

AURA — Irradiação em torno do corpo, que, tanto os indivíduos clarividentes, como os hipnotizados ou magnetizados, conseguem ver sob as mais variadas formas e colorações. Através dos tempos, esse fluido recebeu diversos nomes:— Telesma, Luz Astral, Pneuma, Alkahest, Blas Humanum, Aor, Azotth, Enormon, Meterer, Matéria Sutil, Ignis Subtilissimus etc.

DUPLO — Nome com que se designa também o perispírito.

ERRATICIDADE — Lugar em que vagam os Espíritos desencarnados em estado de perturbação espiritual ou de

ignorância.

ESPÍRITO — Ser inteligente ou alma, quando liberto da carne ou corpo físico pela desencarnação.

FANTASMA — Duplo dos vivos ou aparição semi-materializada.

FLUIDO — Matéria em estado invisível.

LICANTROPIA — Fenômeno pelo qual Espíritos pervertidos no crime atuam sobre antigos comparsas encarnados ou desencarnados, fazendo-os assumir atitudes idênticas às de certos animais; lobisomem; zoantropia; fascinação.

PERISPÍRITO — Vocábulo criado por Allan Kardec para indicar o envoltório ou corpo das entidades espirituais; fluido vital (Idade Média); espírito dos nervos (vidente de Prèvorst); Ka (egípcios); linga sarira (dos indianos); nepesch (dos cabalistas); evestrum (de Paracelso); ochema (dos gregos); carro sutil da alma ou eidolon (Pitágoras); mediador plástico (Cudworth); corpo astral, od (ocultistas); campo energético (em torno do Espírito) etc.

REGIÃO SUB-CROSTAL (abismai) — Localizada no subsolo da Terra.

SONHOS — Conjunto de idéias e imagens que se apresentam ao Espírito durante o sono. Os sonhos originam-se

das nossas disposições físicas ou psicológicas, de impressões ou imagens arquivadas em nosso cérebro, ou de atividade exercida pelo Espírito durante o sono.

UBIQÜIDADE — Faculdade de quem está ao mesmo tempo em toda parte. “Não pode haver divisão de um mesmo Espírito; mas cada um é um centro que irradia para diversos lados. Isso é o que faz parecer estar um Espírito em muitos lugares”. (L. E. item 92).

UMBRAL — Zona espiritual inferior em que permanecem os Espíritos ainda sujeitos à reencarnação e que varia em muitas faixas de densidade.

VAMPIRISMO — Absorção por parte de obsessores espirituais das forças psíquicas de encarnados e desencarnados. Ação dos Espíritos atrasados em face dos nossos vícios.